

Coleção Lazuli



Gare
Saint-Lazare

Champs-Élysées

*Raymond
Queneau*

Exercícios de Estilo

IMAGO

| |
|--|
| UFRGS Biblioteca Setorial de Biblioteca, Economia e Comunicação |
| Nº CHAMADA: 840-9 Q3E-P |
| Nº OBRA: 11887 |
| Nº REGISTRO: 22851 |
| DATA: 13.06.03 |
| SYS: 365920 |

Copyright © Editions Gallimard 1947

Título Original:
Exercices de Style

Capa:
VICTOR BURTON

Apoio:
Embaixada da França no Brasil

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Q51e Queneau, Raymond, 1903-1976
*Exercícios de estilo / Raymond Queneau; tradução,
apresentação e posfácio, Luiz Rezende.*
— Rio de Janeiro: Imago Ed., 1995.
(Coleção Lazuli)

Tradução de: *Exercices de style*
Inclui anexos e bibliografia
ISBN 85-312-0480-1

I. Literatura experimental. I. Rezende, Luiz.
II. Título. III. Série

95-1895 CDD — 848.07
CDU — 840-8(07)

Reservados todos os direitos.
Nenhuma parte desta obra poderá ser
reproduzida por fotocópia, microfilme,
processo fotomecânico ou eletrônico
sem permissão expressa da Editora.

1995

IMAGO EDITORA LTDA.
Rua Santos Rodrigues, 201-A — Estácio
20250-430 — Rio de Janeiro — RJ — Tel.: 293-1092

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

SUMÁRIO

É Escrevendo Que Se Vira Escrevedor, 11
— Luiz Rezende

| | |
|-------------------------|----|
| Anotação, | 19 |
| Em Duplicata, | 20 |
| Litotes, | 21 |
| Metaforicamente, | 22 |
| Retrógrado, | 23 |
| Surpresas, | 24 |
| Sonho, | 25 |
| Profecias, | 26 |
| Sínquises, | 27 |
| Arco-íris, | 28 |
| Gincana Verbal, | 29 |
| Hesitações, | 30 |
| Precisões, | 31 |
| O Lado Subjetivo, | 32 |
| Outra Subjetividade, | 33 |
| Relato, | 34 |
| Palavras-Valise, | 35 |
| Negatividades, | 36 |
| Animismo, | 37 |
| Anagramas, | 38 |
| Distinções Necessárias, | 39 |
| Pareoteleutas, | 40 |
| Versão Oficial, | 41 |

Textículo De Orelha, 43
Onomatopéias, 44
Análise Lógica, 45
Insistência, 47
Não Sei De Nada, 49
Presente, 50
Acontecendo, 51
Pretérito, 52
Imperfeito, 53
Alexandrinos, 54
Pós-Alexandrinos, 55
Poliptotos, 56
Apócopies, 57
Aféreses, 58
Síncopes, 59
Quer Dizer, Né, 60
Exclamações, 61
Então, 62
Empolado, 63
Povão, 64
Ocorrência, 65
Comédia, 67
Apartes, 69
Parequese, 70
Fantasmático, 71
Filosófico, 73
Apóstrofe, 75
Desajeitado, 76
Desenvolto, 78
Parcial, 80
Soneto, 82
Olfativo, 83

Gustativo, 84
Tátil, 85
Visual, 86
Auditivo, 87
Telegráfico, 88
Ode, 89
Permutações de Grupos de 5 a 9 Letras, 90
Permutações de Grupos de 4 a 8 Palavras, 91
Helenismos, 92
Conjuntos, 93
Reacionário, 94
Pai-dos-Burros, 96
Hai Ku, 98
Haikikai, 98
Versos Livres, 99
Feminino, 100
Translação, 102
Lipogramas, 103
Galicismos, 106
Próteses, 107
Epênteses, 108
Paragoges, 109
Metáteses, 110
Gramática Transformativa, 111
Troca-Troca, 114
Nomes Próprios, 115
Língua do Pê, 116
Poucas-verdades, 117
Macarrônico, 118
Dá (Quase) na Mesma, 119
Para os Franceses, 120
Trocadilhos, 122

| | |
|---------------------------------|-----|
| Botânico, | 123 |
| Medicinal, | 124 |
| Gastronômico, | 125 |
| Zoológico, | 126 |
| Injurioso, | 127 |
| Impotente, | 128 |
| Pós-Tudo, | 129 |
| Probabilista, | 130 |
| Retrato, | 131 |
| Geométrico, | 132 |
| Sertanejo, | 134 |
| Interjeições, | 136 |
| Precioso, | 137 |
| Inesperado, | 139 |
| | |
| Agora que Vocês Já Leram, | 142 |
| — Luiz Rezende | |
| | |
| Anexos | |
| Exercícios de Estilo Possíveis, | 161 |
| Exercícios Brasileiros | |
| Papo de Botequim, | 167 |
| Pisando na Jaca, | 170 |
| Brasileirinho, | 172 |
| Tupinacara, | 175 |
| Samba do Crioulo Doido, | 177 |
| Dá Samba, | 179 |
| | |
| Bibliografia, | 181 |

É ESCREVENDO QUE SE VIRA ESCREVEDOR

Luiz Rezende

Ao ouvir as fugas de Bach em concerto, lá pelos anos 30, Raymond Queneau teve a idéia de criar um equivalente literário, constituído por uma série de variações em torno de um tema bem simples. Durante a guerra, para distrair-se um pouco de seus projetos "sérios" e de suas atividades editoriais, pôs-se a escrever os primeiros exercícios, em torno de uma discussão entre dois passageiros a bordo de um ônibus. Após ter composto um "Dodecaedro", pensava em parar, mas acabou contagiado pela própria idéia e continuou a série até chegar aos 99, "nem muito, nem pouco demais: o ideal grego". Em 1948, os *Exercícios de Estilo* foram publicados pela primeira vez em forma de livro, e logo inspiraram uma peça dos Irmãos Jacques, o que assentou sua popularidade e reforçou a do autor. Raymond Queneau era, então, com Sartre e Prévert, um dos decanos da boemia circulando pelo Saint-Germain-des-Prés existencialista, "alto e forte contra o vento da besteira", segundo a elogiosa fórmula de Juliette Gréco, que emplacou um grande sucesso transformando em canção seu poema "Si tu t'imagines".

Inspirado pelo convívio encontrado na Grécia entre dois registros de linguagem, com primazia do demótico sobre a língua pura, Queneau vinha tentando a defesa e ilustração do francês falado desde o começo dos anos 30, e chegou a propugnar um neo-francês:

Mézalor, mézalor keskon nobtyin! Sa dvyin incrouayab, pazordinèr, ranvèrsan, sa vouzaalor indsé drôldaspé dontonrvyin pa. On Irekonè pudutou, lfransè, amésa pudutou, sa vou pran toudinkou unalur ninversanbarbasé stupéfiant. Avrédír, sêmêm maran. Jérlu toudsuit lé kat lign sidsu, jépapu manpéché de mmaré.¹

No comecinho dos anos 70, veio a reconhecer, não sem uma pontinha de nostalgia, que a norma culta estava impregnando a fala popular, e atribuiu o fenômeno à influência da televisão.

Em 1958, surgiu *Zazi no metrô*, livro que ganhou um prêmio de humor negro e virou filme de Louis Malle, além de oferecer a Queneau seu primeiro e único real sucesso de estima popular.² Para contar a história de Zazi, garota provincial e mais desbocada que chofer de caminhão, Queneau lança moderadamente mão do seu neo-francês. O sucesso foi tanto que por pouco não apaga a figura do criador; a partir daí, Queneau virou, antes de mais nada, o “pai de Zazi”.

Ça se chante aussi, la chaussette: meia suja também se canta. O problema é extrair do cotidiano “sua veia poética, seu pequeno heroísmo”. Georges Perec, próximo de Queneau, definia esse projeto como a busca do *infra-ordinário*: “talvez possamos finalmente fundar nossa própria antropo-

1 *Mais alors, mais alors, qu'est-ce qu'on n'obtient! Ça devient incroyable, pas ordinaire, renversant, ça, vous alors, un de ces drôles d'aspect dont on ne revient pas. On le reconnaît plus du tout, le français, ah, mais plus du tout, ça vous prend tout d'un coup une allure invraisemblable, c'est stupéfiant. A vrai dire, c'est même marrant. J'ai relu tout de suite les quatre lignes ci-dessus, j'ai pas pu m'empêcher de me marrer* (“*Écrit en 1937*”, retomado em *Bâtons, chiffres, lettres*, p. 22). Em português: “Iai, iai, ukekida! Ficadupiru, nadavê custrossu kiagetçhilê, egrassadu paca, nedá prassigurá. Pareci até chinuki, vaivê tupiniki, essigeitchinhu koladu, feitukorçu beescritu, legau prakaralhu...”

2 A (boa) tradução brasileira de *Zazie no metrô* é de Irène Cubric e foi editada pela Rocco, em 1985.

logia: a que falará de nós, buscará em nós o que tanto fomos pilhar nos outros. O endótico, em vez do exótico” (apud Souchier, 1991, p. 12 — ver a *Bibliografia*, ao final deste volume). Trata-se de uma poética estudadamente espontânea, com mais rima do que razão, como assinala Jean-Yves Pouilloux (1991), mas nos melhores casos, quando a rima concebe a razão, abre-se um espaço de linguagem motivada onde se opera uma relação, digamos mágica, entre fala e mundo. O laborioso plunitivo descasca chavões, provérbios e lugares comuns, guarda a polpa para uso renovado e varre os escombros de um golpe de pena que, forçosamente, deixa traços textuais.

Queneau é ainda capaz de escrever roteiro para documentário de encomenda, cantando as maravilhas do estireno em alexandrinos! Sua produção poética, sob a aparência paródica, multiplica exigências e recursos formais, como no caso dos *Cem mil bilhões de poemas*, 10 sonetos cujos 14 versos podem ser livremente associados, o que resulta, como o título indica, em 10¹⁴ sonetos — cada verso vem escrito numa lingüeta recortada, de forma que a página se compõe de catorze lingüetas independentes, que podem ser viradas uma a uma (como em certos livros infantis).

Em 1960, criou-se, sob sua inspiração, o *Ouvroir de Littérature Potentielle*, ou *Oulipo*. Não sem humor, o nome se refere aos ateliês (*ouvroires*) de corte e costura das freirinhas. Quanto à literatura potencial, trata-se de pesquisar matrizes formais que possam em seguida encontrar aplicação em obras literárias. I-Ching, Tarô, jogos retóricos do período alexandrino, formas poéticas dos trovadores provençais... e, sobretudo, recursos lógico-matemáticos. O grupo, que teve seu período áureo nos anos 60, e incluía, entre outros, Italo Calvino e Georges Perec, continua existindo, e

já publicou três atlas para expor seus achados. Para Queneau, fã de jogos, o “realismo matemático” é uma forma de conjurar a desgraça ou, ao menos, de torná-la suportável, provisoriamente relegada a um nicho da consciência inativo.

“É escrevendo que se vira escrevedor”: *C'est en écrivant qu'on devient écrivain*. O homem adorava esta frase, a ponto de fazer dela um lema, forjado por ele a partir do provérbio francês *c'est en forgeant qu'on devient forgeron*, “forjando se faz o forjeiro”, derivado por sua vez do latim *fabricando fit faber*. Ela resume admiravelmente a ética do trabalho artesanal que define as relações entre Queneau e a literatura.

Relendo Hegel, como tantos outros de sua geração, Queneau via na História “a ciência da desgraça humana”. A tragédia é cotidiana e difusa; contá-la exige, nessas circunstâncias, um quê de humor, sob pena de uma insuportável narração reduzida a desfiar mazelas. “Quando o narrador sorri e desdenha a morte, chamam seu relato um ‘romance cômico’, mas o ‘tom leve’ empregado é, na verdade, um resquício de graça numa paisagem de catástrofe...” Desenganado como o anjo da História. “‘Gente feliz não faz história’; não é só trocadilho. A(s) desgraça(s) formam todo o campo narrativo”.

Matthieu Galley, falando da enormidade e da “indigência agressiva” dos trocadilhos de Queneau, já os tinha assimilado a certo espírito de escola primária. Se o ubuesco Jarry tem um quê de adolescente, e o humor derivado de Lautréamont aos surrealistas um negrume para lá de adulto, a peculiaridade de Queneau talvez esteja nessa malícia que, mesmo no auge da vulgaridade, guarda certa inocência e candura. Seu primeiro crítico, Jean Queval, aproveitou a homofonia quase perfeita entre *recrear* e *recriar* — *recréer* e

recréer —, para estabelecer uma analogia entre espírito de escola e trabalho literário, ambos funcionando sob o império de aparentes contrários, disciplina e distração. Mas que tal ludismo não nos engane; como diz Queneau, num eco dantesco, “quem entra aqui deve aceitar todo e qualquer jogo de — e sobre — palavras”. Enquanto se joga, o inferno fica esquecido. E, pela ética queneliana do riso, tentemos, enquanto isso, matar a charada, para não terminarmos arreganhando os dentes num esgar inenarravelmente amarelo.

ANOTAÇÃO

No ônibus S, em hora de aperto. Um cara de uns 26 anos, chapéu mole com cordão em vez de fita, pescoço comprido demais, como se tivesse sido esticado. Sobe e desce gente. O cara discute com o vizinho. Acha que é espremido quando passam.

Tom choramingas, jeito de pirraça. Mal vê um lugar vago, corre para se aboletar.

Duas horas depois, vejo o mesmo cara pelo Paço de Roma, defronte à estação São Lázaro. Lá vai com outro que diz: "Você devia pôr mais um botão no sobretudo". Mostra onde (no decote) e como (para fechar).

EM DUPLICATA

Por volta do meio da jornada e em torno de meio-dia, pulo e subo na plataforma e balcão traseiros de um ônibus e transporte para todos repleto e lotado da linha S, que vai da Contrescarpe e Contra-escarpa ao Campeto e Champerret. Percebo e noto ali e nesse lugar um jovem homem e adolescente passado, ridículo assaz e grotesco o bastante: pescoço magro e gogó descarnado, fio e cordão em torno do chapéu e tapa-miolas. Após e depois de um bate-boca e empurra-empurra, ele diz e profere em tom e voz choramingantes e lacrimejantes que seu vizinho e co-passageiro insiste e persiste em espremê-lo e importuná-lo sempre e a cada vez que desce e salta um gaiato alguém. Isso e tal coisa dita e feita e depois e assim que abriu e botou a boca e o trombone no ônibus e no mundo, precipitou-se e dirigiu-se para e rumo a um lugar e banco recém e no instantinho mesmo livrevago.

Duas horas e cento e vinte minutos mais tarde depois, eu o reencontro e minha pessoa vê o mesmo novamente de novo na Cour de Rome e Paço de Roma em face da gare Saint-Lazare e defronte à estação São Lázaro. Está e encontra-se com um amigo e companheiro que o incita e aconselha a pôr e botar mais um botão e suplementar osso no seu mantô sobretudo.

LITOTES

Éramos poucos tantos a deslocar-nos em conserva, dos quais um, ligeiramente aquém de maduro e com ar de rarefeita inteligência, sugeriu, algo veementemente e por um lapso de instante ao, se ousou dizer com certo abuso, cavalheiro que se encontrava a mui discreta distância de si, conjeturas sobre o comportamento, quiçá libado, deste último; quase continente, absteve-se de verbo e renunciou à posição ereta. Não houve largo esperar antes de reapercibê-lo num repente.

Estava em singular companhia e discorriam sobre implementos de moda.

METAFORICAMENTE

O astro apolíneo parecia ter imobilizado seu tão célere curso em zenital posição e dardejava implacável no meridiano escaldante como as dunas de Copacabana, exasperando o sufoco da massa compacta num coleóptero de alvo abdômen, tal sardinhas em lata, quando um girafoso e glabro pinto lançou-se à escamação de uma delas, das menos saracoteantes, com repentina arenga que nos ares desfraldou-se úmida de protesto. Em seguida, aspirado por vácuo oportuno, súbito e volátil partiu ao poleiro.

Revi-o todavia, cronométricas revoluções passadas, peripateteando em módica comunhão e difuso senso no malincônico dédalo onde a urbe se traduz em metáfora coletiva, reduzido entretanto a espirrar toda sua arrogância por obra de somenos botão.

RETRÓGRADO

“Ao sobretudo bem poderia você acrescentar um botão”, disse-lhe o amigo. Foi em pleno paço de Roma. Pouco antes ao aconselhado vira eu, ávido sobre vago assento se precipitando mal expresso seu mau protesto contra o vizinho cujos gestos, alegava, extremo agrediam-lhe os extremos ao sabor do fluxo de entrada e saída de passageiros. Trazia o descarnado jovem ridículo chapéu. Na traseira plataforma: era.

No, ao meio-dia lotado, S, tudo começara.

SURPRESAS

Que aperto na traseira! E aquele fulaninho, iiihh que cara de bobo, e que arzinho mais ridículo! Sabe o que ele fez?! Não é que deu de emburrar, só porque — atrevido o senhorito! — lá muito de vez em quando, no lufa-lufa, um cidadão dos mais honestos dava umas encostadinhas! Caca-rejou o quanto pôde e depois saiu escafedido para ir-se aboletar num lugar vago, ainda quentinho! Que displante! Em vez de deixá-lo para uma senhora!

Duas horas depois, adivinhem *quem* eu vejo defronte à estação?! O próprio! O mocetão! Ouvindo dicas de roupa! De um amigo!

Não dá para acreditar! O amigo era um gato, nem te conto! E entendido em moda como ninguém...

SONHO

Tudo era bruma nacarada, sombras múltiplas onde avultava um jovem, vejo nitidamente seu rosto encarapitado num conspícuo pescoção, que salientava seu caráter mais para covarde que cabrão. No lugar da fita do chapéu, um fio trançado. Pôs-se a discutir com um indivíduo indistinto; depois, como que amedrontado, sumiu num corredor escuro.

Em outra parte do sonho, está andando sob o sol a prumo defronte à estação São Lázaro, com um companheiro que lhe diz: "Você devia botar outro botão no sobretudo".

Aí eu acordei.

PROFECIAS

Meio-dia virá, e você estará na plataforma traseira de um ônibus com passageiros saindo pelo ladrão, onde perceberá um raparigo ridículo, de pescoço esquelético e cordão algum no feltro mole. Esse jovem ficará desassossegado, pois pensará que espremê-lo há, de propósito, um senhor, e tal ato repetir-se-á sempre que subirá ou descerá alguém do ônibus.

Protestos haverá, e serão proferidos em voz que se alteará, mas tão incondicional será seu desdém que o admoestado não se rebaixará a responder. Em pânico, o raparigo escafeder-se-á sob o nariz do algoz e escarrapachar-se-á num lugar que vago ficará.

Você de revê-lo há, pouco mais tarde, no paço de Roma, defronte à estação São Lázaro. Um amigo estará com ele, e dir-lhe-á palavras tais que seus ouvidos escutarão: "O sobretudo não assentará direito como presente. Para o futuro, porá outro botão".

SÍNQUISES

Ridículo raparigo, que eu me vendo lotado um dia em ônibus da linha S, por tração talvez o esticado pescoço, no chapéu cordão eu um percebi. Arrogante e em lacrimajante tom, que contra o senhor ele ao seu lado protesta, encontra se. Encontrões lhe pois daria este, vez gente cada que desce. Vago senta sobre e se se um lugar dito precipita, isto. Paço no de Roma, dou mais com ele ouvindo tarde, duas horas que no seu sobretudo outro botar, aconselha-o um amigo botão.

ARCO-ÍRIS

Lá vai na boléia de um ônibus marrom de gente um rapazelho escandalosamente borrado: pescoço índigo, barbante rosa no chapéu malva. Vermelho de raiva, destrata num tom verde bilioso um senhor que não amarela e, ao ver a coisa preta, o almofadinha fica branco de susto e prefere azular para alvo assento.

Na hora em que todos os gatos são pardos, eu o reencontro em frente a uma estação furta-cor. Roxo de inveja, um amigo diz que deve pôr um botão turquesa para dar mais corpo a seu mantô cereja.

GINCANA VERBAL

Usar: dote, baioneta, inimigo, capela, atmosfera, Bastilha, correspondência.

Eu estava um dia na plataforma de um ônibus pequeno demais para transportar o dote de Mucuripe Rua, filha do ilustre Eng^o Reinaldo Consórcio Jardim, graças a quem a Companhia Municipal de Transportes Coletivos (C.M.T.C.) tanto fez para aumentar o espírito gregário do usuário amigo, não de sentar-se na baioneta de um inimigo, apesar dos ditos populares malevolentes, mas de transportar-se em íntima e sudorípara companhia, ainda que eu tenha visto por lá, nesse dia, um jovem assaz ridículo, que levava jeito, mesmo não sentando, e que de repente atacou, com voz *a capella*, um senhor instalado em suas costas e que não era sacristão. Tendo assim feito pesar a atmosfera, deixou cair a Bastilha.

Duas horas mais tarde, reencontrei-o dando voltas por aí com um companheiro que o aconselhava a pôr mais um botão no sobretudo, conselho que podia muito bem ter sido dado por correspondência.

HESITAÇÕES

Onde foi, não sei muito bem... em uma igreja, uma lata de lixo, uma fossa comum? Um ônibus talvez... Havia ali... mas o que é mesmo que havia ali? Favas, lombrigas, goiabas?... Vai ver que caras... Com carne em volta, quer dizer, provavelmente vivas. É, mais ou menos isso... Gente num ônibus. Uma das caras... ou melhor, um cara e não uma cara... nem metade... dava... na vista? À vista?... Não sei mais como nem porquê. Por sua redondeza? Sua grande grandeza? Sua megalomania? Ou melhor... mais exatamente... por sua pouca idade e muito... queixo? Nariz? Dedão? Não: pescoço... de todo tamanho, e um chapéu muito, muito estranho. Aí então, né... quis querela... é, algo assim... com alguém por ali — Velho? Criança? Homem? Mulher? A coisa acabou... ela bem que deve ter acabado se acabando... eu acho pelo menos... de um jeito ou de outro... vai ver que um dos dois fugiu, ou os dois, sei lá.

Aliás, pensando bem, acho até que vi ele de novo, pode ser... mas onde?... Quer dizer, o cara... não o outro, o querelento... é, o de chapéu... Aí né... ele andava por ali, quer dizer, sozinho não, né... tinha muita gente... não, com ele não... o que é que era mesmo? Uma igreja? Uma fossa comum? Um centro comercial?... Eles iam pra lá e pra cá... mas acho que não era coisa de grupo... só que devia ter alguém, acho até que... é, amigo, conhecido, sei lá, né... e se diziam qualquer coisa, mas o quê? O quê? O quê?

PRECISÕES

Às 12:17 min, num ônibus da linha S com 10 m de comprimento, 2,1 m de largura e 3,5 m de altura, evoluindo a 3,6 km do ponto de partida e lotado com 48 pessoas, um indivíduo de 27 anos 3 meses e 8 dias, medindo 1,72 m e pesando 65 kg, de sexo insignificante, que portava sobre a cabeça um chapéu de 17 cm de altura com o cone de matéria mórbida circundado por um cordão de 35 cm de comprimento, interpelou um homem de 48 anos 4 meses e 3 dias de idade, 1,68 m de altura e 77 kg de peso, através de 14 palavras cuja enunciação durou 5 s e que faziam alusão a deslocamentos involuntários de 15 a 20 milímetros. Em seguida foi sentar-se a 2,1 m do palco onde ocorrera o acontecimento relatado.

Após um lapso de 118 min, o primeiro indivíduo mencionado encontrava-se a 10 m da estação São Lázaro, sendo esta distância considerada a partir da entrada para os trens de subúrbio, e deslocava-se longitudinalmente em ambos os sentidos de um vetor cujo raio era de 30 m, em sincronia harmônica com indivíduo análogo, 28 anos de idade, 1,70 m de altura, 71 kg de peso, aplicado em emissão verbal constituindo 15 palavras, semanticamente referenciadas ao deslocamento projetado de 5 cm, na direção zenital, de um círculo perfurado com aplicações vestimentares de 3 cm de diâmetro.

O LADO SUBJETIVO

Minha indumentária, nos idos de hoje, punha-me pando de orgulho, posto que estava inaugurando um chapéu inédito, muito jeitoso, que amoldara a meu gosto infalível: um complemento perfeito ao mantô de caxemira fulva que tenho em tão alta conta. Encontrei X na passarela da estação São Lázaro, no início achei ótimo tê-lo como testemunha enquanto brilhava no meio do vulgo, mas ele, só para estragar meu prazer, foi logo tentando me convencer de que meu sobretudo é fendido demais e que preciso acrescentar um botão; é bem verdade que o maledicente, por mais que procurasse, não encontrou nenhum reparo a fazer ao cobre-coco, o galão trançado que apliquei é mesmo demais.

Pouco antes, eu pusera no devido lugar um cafajeste que me brutalizava sem propósito, culpa desses imundos *omnibi*, tão atulhados e populáceos justo nas horas em que me é azado utilizá-los.

OUTRA SUBJETIVIDADE

Hoje, na plataforma traseira do ônibus, ia ao meu lado um desses ranhosos como já não se faz mais, graças a Deus! Senão eu ainda matava um! Esse aí, um moleque de uns vinte e seis, trinta e nove anos, me irritava especialmente, não tanto por causa do pescoço de peru desplumado, mais pela fitinha cor-de-beringela enrolada no chapéu mambembe. Ah, sacripanta de uma figa!

Bem, o ônibus ia lotado, e eu aproveitava o empurra-empurra do sobe-e-desce para entrar de cotovelo no lombo dele. Terminou se escafedendo, o covarde! Pena, mal tive tempo de dar uns pisões nos seus arpés, iam ficar roxos feito o chapéu ridículo que ia levando. Faltou dizer também, para ensinar umas verdades ao almofadinha, que faltava um botão no seu horrível sobretudo decotado demais.

RELATO

Certa manhã por volta do meio-dia, na plataforma traseira de um ônibus quase lotado da linha S — hoje em dia 84 — circulando nas imediações do parque Moncéu, percebi um personagem de pescoço comprido demais com um chapéu de feltro mole circundado por um galão de trancinhas no lugar da tira. O indivíduo interpelou de chofre seu vizinho, pretendendo que este último espezinhasse-o propositalmente sempre que subiam ou desciam passageiros, após o quê abandonou a discussão para jogar-se num recém-vago lugar.

Duas horas mais tarde, reví-o defronte à estação São Lázaro conversando animadamente com um amigo que o aconselhava a diminuir a fenda do sobretudo em algum alfaiate assaz competente para pôr mais alto, talvez, um botão.

PALAVRAS-VALISE

Eu platônibus formava co-multitudinariamente em espaço-tempo lutécio-zenital avizinhando um longipescocíneo serranhento e encordesmiolado. Talcujo apostrofava um qualqueranônimo, “O sr. me propespreme”, o que jaculado, vagossentou-se vorazmente. Em áltera espaçocronia, reví-o em peripateticomércio com X que lhe dizia: “Você precisa botambotar mais alto sobretudo”. E porquexplicava-lhe como.

NEGATIVIDADES

Não era navio nem avião, mas um meio de transporte terrestre. Não era de manhã nem de noite, mas ao meio-dia. Não era caduco nem bebê, mas rapaz. Não era fita nem barbante, mas um galão trançado. Não era procissão nem mutirão, mas empurra-empurra. Não era mau nem amável, mas ranzinza. Não era verdade nem mentira, mas pretexto. Nem de pé nem de boca, mas querendossentar-se.

Não era ontem nem amanhã, mas para já. Nem a Luz nem a Central, mas São Lázaro. Nem conhecido nem desconhecido, mas camarada. Não é piada nem mentira, mas dica de amigo: nunca acredite em conselho traduzido.

ANIMISMO

Era uma vez um chapéu marrom, de feltro mole e abas caídas, com uma trancinha em volta para enfeitar, um chapéu entre outros, cujo destaque aleatório era mais devido às desigualdades do solo e à sua repercussão pelas rodas do veículo automóvel que o transportava, a ele o chapéu. A cada parada, as idas e vindas dos circunstantes causavam nele, o chapéu, movimentos laterais ocasionalmente assaz pronunciados, o que terminou por irritá-lo, ele o chapéu. Exprimiu então sua ira lá dele chapéu por intermédio de uma voz nem um pouco de feltro, e que se lhe articulava a ele, o chapéu, numa disposição estrutural cuja ovóide de ressonância, óssea, irregularmente perfurada e recoberta com uma camada qualquer de matéria animal situava-se sob si, si o chapéu. Depois foi sentar-se, se o chapéu, sem pôr nem tirar.

Umás duas horas mais tarde, a pouco mais de metro e meio do nível do solo, em deslocamento contínuo defronte à estação São Lázaro, lá estava ele, o chapéu. Um desmiolado dizia que devia pôr outro botão no sobretudo... Outro botão... e sobretudo... dizer isto a ele!... É de se comer o chapéu!...

ANAGRAMAS

No S naum roah de soamas um pito nuds setienveis
sona qeu suspoía um dengar copesço e um achupé ronado
de drocão no gular da tifa, braviga moc um trouo saposgreia
que eel causava de elh espermer de porpisoto. Tendo assim
congiranhado, se crepitipa serbo um algur rilve.

Uma hoar mias dreita, co-neontro no çapo de Amor,
fedentro Osã Arloaz. Vaseta moc um picomeanho que hel
zidia: "Ovec viade troba sima mu tãobo no teu subredoto".

DISTINÇÕES NECESSÁRIAS

Num ônibus (não confundir com ninho de obus), eu
vi (e não como veio) um alto capiau (não no capim alto)
com um chapéu no cocuruto (não é um pé já no coco bruto)
ornado de um fio trançado (nada de ofídio transado). Ele
possuía (mas não em pó e osso ia) um conspícuo pescoço
(não com pico pesco ou coço). Como o povo empurrava
(distinto de polvo como-o, emburrava), um novo passageiro
(corte nu povo massageiro) deslocou o dito cujo (e não
descolou já o dito cu). O distinto reclamou (não clamou
retinto disso), mas vendo um lugar vago (antes que lendo
um vulgar alvo), ali se aboletou (não se Ali lhe botou).

Mais tarde, dou com ele (e não vou com mel) defronte
à estação São Lázaro (distinto desta sanção lá azaro), falando
com um companheiro (não falhando come um cão bronhei-
ro) a respeito de um botão do seu sobretudo (a não confun-
dir com arres, peitudo em botando o seu sobre, tudo).

PAREOTELEUTAS

Um díulo canículo no veículo em que circulo, um fânculo com minúscula bula gesticula, a sua mandíbula em vírgula e o capítulo ridículo. Outro sonâmbulo o acula e anula, ele fútil articula, "crápula", mas seus escrúpulos dissimula, recula, capitula e arrima lá longe seu cu.

Em tárdula hula, rumo à estacula Sântula Lazula, eu o disculo; com um amígulo, disculia de bótulas e sobretulo.

VERSÃO OFICIAL

Tenho a honra de informar V. S^a dos seguintes fatos, que pude testemunhar tão imparcial quanto horrorizadamente.

Neste dia mesmo, por volta do meio-dia, encontrava-me eu na plataforma de um ônibus que subia a rua de Corcelhas em direção ao Campeto. O dito ônibus estava lotado, e mesmo superlotado, é mister assinalar, pois o bilheteiro aceitara vários impetrantes em sobrecarga, exorbitando suas funções, ignorando o regulamento e frisando a indulgência. A cada parada, os passageiros, ocupados em trâmites ascendentes e descendentes tão somente privados, davam azo a irregular empurra-empurra, o que foi motivo de protesto, devo acrescentar que respeitoso, por parte de um probo cidadão veiculado. É digno de nota que, tendo se revelado um lugar vago, o supracitado encetou ordeiramente a marcha que levá-lo-ia a abandonar provisoriamente, segundo os dispositivos em vigor, o estado vertical.

Acrescentarei o seguinte adendo a este breve relato: tive novo registro ocular do referido cidadão, nessa ocasião posterior desinvestido de seu estatuto de passageiro e investindo a via pública em companhia de um personagem não identificado. Ambos procediam em contraditória direção e outrossim a uma conversa que, segundo os termos arrolados, parecia dizer respeito a questões de natureza estética.

Dadas tais condições, rogo que V. S^a indique a este seu servidor as conseqüências a extrair dos fatos, bem como a atitude que vos parecerá de bom alvitre tomar para que estés

se repitam, ou não se repitam, de acordo com as normas gerais de gestão ficcional que orientam a fidedigna escrituração de nossos serviços.

TEXTÍCULO DE ORELHA

O célebre romancista X, a quem já devemos tantas obras, e algumas primas, apresenta-nos desta vez, com o brio que sempre deu alento a suas criações, a personagens inesquecíveis agindo em ambiente conhecido e situações ao alcance de todos, jovens ou maduros, remediados ou irremediáveis. O enredo transporta-nos num ônibus onde o herói topa acidentalmente com um enigmático personagem que tenta acuá-lo em lancinante altercação, mas uma feliz casualidade evita o desenlace extremo. O livro apresenta um fecho de ouro, onde o misterioso indivíduo, em conluio com um mestre em dandismo, entrega-se a um vertiginoso diálogo onde aflora toda sua devassidão vestimentar. X sabe como ninguém pôr-nos em guarda contra os riscos sempre atuais, e por isto mesmo sempre esquecidos, de abrir demais: sejamos modestos, fechados e para todos como seu herói. Uma grande lição moral! Um enlevo de escrita burlada como um broche! E, estamos certos, mais um triunfo de estima pública e crítica de X, cuja obra de rara estatura tanto vem nos edificando.

ONOMATOPÉIAS

Na plataforma, roça roça, de um ônibus, bi bi, da linha S que lá ia, sssssss, já era meio-dia e bem, blém belém, blém belém, quando um ridículo efebo, tsc tsc, com um desses tapa-miolas, ufa, virou-se e disse, hm hm, para o vizinho, logo com raiva, rhã rhã: "Não vai nem vem, nem no vaivém, tchitchitchira o pé, titica, e sem tchitchitchi, senão viro bicho: au". E o outro: mau. Crau e pimba. Nisso, vê um lugar livre e bumba, ali põe a bunda.

No mesmo dia, pouco além, vemvemvém, dou com o mesmo coco oco, toc toc, em companhia de outro efebo, tsc tsc, os dois a tagarelarem, tchitchitchi tchatchatchá, sobre botões de sobretudo (brrr, brrr, mas então fazia um friozinho do bem bom...).

E pimba.

ANÁLISE LÓGICA

Ônibus.

Plataforma.

Plataforma traseira de um ônibus. Lugar.

Meio-dia.

Aproximadamente.

Meio-dia aproximadamente. Hora.

Passageiros.

Querela.

Uma querela de passageiros. Evento.

Moço.

Chapéu. Pescoço longo e magro.

Moço pescoçudo, trancinha no chapéu. Personagem principal.

Basbaque.

Um.

Um basbaque. Personagem coadjuvante.

Eu.

Eu.

Eu. Terceiro personagem. Narrador.

Palavras.

Palavras.

Palavras. O que foi dito.

Lugar livre.

Ocupado.

Um lugar livre logo ocupado. Resultado.

Estação São Lázaro.

Uma hora depois.

Amigo.
Botão.
Frase ouvida. Conclusão.
Lógica.
Lógico.

INSISTÊNCIA

Um dia, em torno do meio-dia, tomei um ônibus quase lotado da linha S. No ônibus quase lotado da linha S, já havia um jovem assaz ridículo. Subíramos no mesmo ônibus e o jovem, que tinha subido antes do que eu e já vinha no ônibus da linha S, quase completo, por volta do meio-dia, ia levando na cabeça um chapéu que achei bastante ridículo, eu que subira no mesmo ônibus da linha S que o rapaz, mas um pouco depois, um dia, em torno do meio-dia.

O chapéu tinha em volta uma espécie de galão trançado como um libré, e o jovem que estava usando semelhantes chapéu e galão encontrava-se no mesmo ônibus que eu, mas tinha subido antes, um ônibus quase lotado, pois era meio-dia. Sob o chapéu, cujo galão imitava um libré, espalhava-se uma cara acompanhada por um pescoço muito, muito comprido demais. Ah! como era comprido o pescoço do jovem que portava um chapéu com um galão em volta, num ônibus da linha S, ao meio-dia daquele dia que podia ser um dia ou o meio-dia de um dia qualquer!

O atropelo era grande no ônibus que nos transportava rumo ao ponto final da linha S, um dia perto do meio-dia, a mim e ao jovem que lá ia levando havia tempo um pescoção debaixo de um chapéu ridículo. Os choques que se produziam acabaram súbito provocando um protesto, protesto esse que emanou do jovem de pescoção na plataforma de um ônibus da linha S, um dia qualquer quase ao meio-dia.

Houve uma acusação formulada em voz úmida de dignidade ofendida, na plataforma de um ônibus S, por um jovem usando um chapéu munido de galão em toda a volta, e este — o jovem, não o chapéu — quase levou um pescoção no pescoção, do ofendido que, de tão ofendido, poderia ter esticado um pouco mais o pescoção do jovem além de dar-lhe um pescoção, mas houve também um lugar vago assim de repente nesse ônibus da linha S quase lotado porque era meio-dia ou quase, e o lugar foi logo ocupado pelo jovem de pescoção e chapéu ridículo, que já vinha de olho porque não queria mais ser espremido na plataforma traseira do ônibus S, um dia qualquer quase ao meio-dia.

Duas horas mais tarde, eu o revi defronte à estação São Lázaro, o tal jovem que já vira na plataforma do ônibus S, ao meio-dia do mesmo dia, mas tanto fazia. Estava com um companheiro do seu estilo, que lhe dava um conselho relativo a certo botão do seu sobretudo, e escutava atentamente. Quem escutava atentamente, para ser mais claro, não era outro senão o jovem que eu já tinha avistado e que estava levando um galão em torno do chapéu, na plataforma traseira de um ônibus da linha S quase lotado, um dia qualquer ao meio-dia, ou quase.

NÃO SEI DE NADA

Não vem não, num tô sabendo... Tá bem, peguei o S ao*meio-dia, sim. Se tinha gente? Tá na cara, que dúvida, um magote, também, numa hora dessas, pô... Uns nego ali — era mole? — um arrastão, mas sem encosto tinha que ser na maciota... Um cara de chapéu mole? Vai saber. Não tá nos meus hábito encarar barbado. Aliás pra mim tanto faz. Plo trançado? No chapéu? É, gozado pode ser, tá certo, lá pras nega dele, eu por mim não levo gozação pra casa... e depols, não tenho nada com isso: trancinha no chapéu, não falta mais nada pra inventarem... Entrou numas com o vizinho? E daí? Tem coisa muito pior acontecendo.

Se dei com ele de novo mais tarde? Sei lá! Num tô nem aí. Acontece de tudo nesta vida... Tô me lembrando do velho, ele contava sempre que cum ele não tinha papo...

PRESENTE

Ao meio-dia, a canícula estatela os passageiros de ônibus e estes reagem: trocam mútuos pisões. Uma pouca cabeça encima um pescoço de marcada presença e orna-se com grotesco chapéu, se inflama e come o pau. Vivas bocas esquentam as orelhas presentes com injúrias atuais, mas logo refresca a bronca, pois a gente se escarrapacha lá dentro, em banco e sombra fresca.

Mais tarde acontece que conselhos vestimentares são veiculados defronte a estações com múltiplos átrios, eles concernem um botão indistinto que dedos pegajosos de suor bolinam de modo ausente.

ACONTECENDO

Estou ficando por conta com o ônibus do Campeto. Ele está sempre passando lotado de bóis, de bois, velhos, milicos e mulheres. Vem ficando parecido com saída de jogo de futebol. Só subindo na marra. Vou logo pagando a passagem para ficar à vontade, encarando os basbaques. Nada de interessante acontecendo, fico me divertindo com pouco, esses caras de pescoção que andam levando chapéu mole de trancinha. Volta-e-meia vem estourando um empurra-empurra no meu-deus-quê-isso dos sobes-e-desces. Ando ficando calado, na minha, mas os de cordão vêm dando de estrilar com os vizinhos, ficam dizendo sei-lá-o-quê uns para os outros, só estou sabendo que têm se encarado furibundos. Mas depois vão logo ficando arreganhados, estão sempre com medo de um pescoção nos pescoções. Aí, vão saindo de fininho e se sentando onde e como vai dando.

Sempre que vou voltando do Campeto, ando passando defronte à estação São Lázaro, onde vêm acontecendo umas conversas estranhas entre esse tipo de tipinhos, que ficam apontando o indicador para o botão lá de cima do sobretudo deles. Depois o ônibus vai indo em frente e não ando podendo ver mais nada, vou só ficando ali na boa, encarando o teto sem estar pensando em pensar.

PRETÉRITO

Meio-dia passou. Os passageiros subiram no ônibus. Ficamos apertados. Um cavalheiro de pouca idade portou na cabeça um chapéu envolto em trança à guisa de tira. Ostentou alongado pescoço. Queixou-se junto ao vizinho dos golpes que este lhe infligiu. Assim que percebeu um lugar vago, precipitou-se sobre ele e ali desmilingüiu.

Reapercebi-o mais tarde, em frente da estação São Lázaro. Vestiu-se com um sobretudo, e um amigo que se encontrou ali, passado, fez-lhe uma observação. Foi preciso supor um botão suplementar.

IMPERFEITO

Era meio-dia. Os passageiros subiam no ônibus. Estávamos apertados. Um moço levava na cabeça um chapéu que tinha em volta uma trança em vez de tira. Seu pescoço era comprido demais. Queixava-se ao vizinho dos espremeões que levava. Se percebia um lugar vago, partia e se sentava.

Mais tarde eu o percebia defronte à estação São Lázaro, quando se vestia com um sobretudo e um amigo que ia com ele estava comentando que assim não dava, era preciso que pusesse mais um botão.

ALEXANDRINOS

Acalçada-se súbito um ônibus S
Sofrendo o sítio preste da turba; tal pes-
Te subindo, se desse, por onde se desce
E, no sobe-e-desce, eu, sem que nada pudesse
Vi-me acuado no fim da plataforma, esse
Valhacouto de tipos de reles espécie,
Dos quais fôra conspícuo o horrendo espécime
À cava despudorada e chapéu cafajeste,
Não houvera também mínimo mequetrefe
Pisando, mau, seus pés, se — e sempre que — desse
Pé, ao sabor do sobe-e-desce, sem finesse,
Até que o do chapéu esboçou verbal frege
Contra o vil catatau mas, antes que lhe pregue
O tal boa bolacha, mal disse já se escafede
Até ao primeiro banco e ali amolece.
Voltando para casa, o que me acontece?
Dou com o mesmo tipo em vívida quermesse
C'outro dândi da laia: "Caso lhe interesse,
Saiba que seu mantô outro corozo padece!",
Replicando lesto com lídimio pé
De olvido: "Assim é, pois que se lhe parece".

PÓS-ALEXANDRINOS

Um dia, lá no ônibus que rola seu S,
Eu vi um sirigaito que sei da pior es-
Pécie reclamando, se bem que seu turbante
Levasse, em vez de tira, reles barbante.
Tal moço insípido, com seu hálito pútrido
E tamanho pescoçoço, alegava túrgido
Que outro cidadão, de modo assim ligeiro
Dava nos seus costados quando um passageiro
Alçava-se ofegante e premido na hora,
Esperando almoçar em sua casta demora.
O triste esporreta caiu fora da mutreta
Indo sentar-se lá dentro com ar de pateta.
Quando estava voltando pra minha casinha
Já percebi de longe a feia figurinha
Com outro da sua laia, dândi imbecil dando
Conselhos de moda: "Seu botão é nefando".

POLIPTOTOS

Tomei um ônibus cheio de contribuintes que esticavam sua mísera contribuição a outro contribuinte que escondia sua barriga de contribuinte atrás de uma gavetinha que permitia aos demais contribuintes continuarem seu trajeto de contribuintes. Ali notei sobretudo um contribuinte para cuja esquisitice contribuía um chapéu mole de contribuinte com tal trancinha em volta como jamais contribuinte algum contribuiu para envergar. De repente o dito contribuinte interpelou o contribuinte vizinho reprovando-lhe amargamente o hábito de contribuir para seu mal-estar pisando de propósito nos seus pés de contribuinte sempre que outros contribuintes contribuía para a confusão subindo ou descendo do ônibus para contribuintes. Depois o irritado contribuinte aproveitou a contribuição do acaso para sentar-se num lugar para contribuintes que vinha de liberar um contribuinte qualquer.

Algumas horas mais contribuindo, percebi-o no Paço de Roma, então coalhado de contribuintes, em companhia de outro contribuinte que contribuía para sua elegância com peritos conselhos sem a menor retribuição.

APÓCOPES

Eu to um ôni lota. Repa num ra cu pesco é de gira, e que esta de cha com um cor trança. E fi bra com ou fula, que acusa de lhe pi nos pés sem que su ou des al. De foi se sen pois um lu va.

Voltã, dei com e andã de um la pa ou com um ami que lhe da conse de elegã, e que mostra pa e o primei bo do seu sobretu.

AFÉRESES

Mei nibus tado. Parei paz jo coço ra rafa, tava péu dão çado. Le cou vo tro lano, cusava sar pre bia cia guém. Pois tar-se gar gou.

Tando, le dando do ra tro migo va selhos legância, trava ra le meiro tão bretudo.

SÍNCOPES

Pguei ũonbus chêo djntje. Vi lógũ rpaz de pesçoçom-
pridjrafi xapéu cocornão tira. Elsi mteu arklamá cuotro
babakáprvétava trnsção prdá nel. Ensgda sijgô nũ luvago.

Na volprkáz, dei cuel no Pasrom, ũamigali dād u'a ção
delgans abrutão.

QUER DIZER, NÉ

Quer dizer, né, eu entendo, né: um sujeito que se mete a te pisotear, só dá pra ficar com raiva, né... Mas, depois de tanta reclamação, ir assim correndinho sessentar feito um maricas, não dá pra entender, né. Quer dizer, acho que foi bem o que eu vi, né, outro dia na plataforma traseira do S, né: cá pra nós, eu achava o pescoço dele meio comprido, mas a trancinha no chapéu até que era engraçadinha. Quer dizer, né, pro Márcio não, né, que eu jamais da minha vida saía com homem estiloso!... Mas como eu ia dizendo, né, depois de esgoelar que o vizinho estava pisando nele, enfiou a viola, né, lá dentro, né, quer dizer, assim sem mais nem menos sessentou. Então né, não dá, né, se fosse eu, a bolacha que eu pregava! Quer dizer, né, na orelha do pseudo.

Aí né, tem umas coisas engraçadas na vida, quer dizer, né, nem dá pra contar, quando a gente menos espera, dá de cara com o demo. Foi, né, umas duas horas mais tarde e quem é que eu vejo, né, na frente da estação?! O magricela, pois é, né, o próprio! Eu só podia, né, quer dizer, fiquei lá escutando os trique-triques que levavam, ele e outro sujeitinho da mesma laia, que ia dizendo: "Põe mais alto o botão". Aí eu olhei bem, né, por pura curiosidade, quer dizer, né, era o de cima.

EXCLAMAÇÕES

Que coisa! meio-dia! hora de pegar o ônibus! quanta gente! quanta gente! que aperto! gozado! aquele ali! que focinho! e o pescoço então! setenta e cinco centímetros! brincando! e o galão! o galão! ainda não tinha reparado! que gozado! mais gozado ainda! gozadésimo! em volta do chapéu! E agora deu de ralhar! ele! o do galão no chapéu! com o vizinho! dizendoquê?! o outro? em cima dos pés dele?! iihhh, vai acabar em tabefe! vai sim! como, que nada?! vai sim, garanto! é isso aí! mete bronca! vai fundo! chupa o olho! desce o pau! firme! ué... fugiu da rinha... para se aboletar num canto! depois de enfezar tanto!

Esta é a maior! de novo?! é, é ele sim! logo ali, olha! na frente da estação! é, andando para cima e para baixo! com outro fulaninho! no maior fuchico! ai, vamos ver o que é que eles tanto têm para se dizer... como?! essa não!... que precisa botar mais um botão! no sobretudo! é!! no dele!!!

ENTÃO

Então o ônibus chegou. Então eu peguei ele. Então eu vi um cidadão que me chamou a atenção. Então eu vi o pescoço dele e a trancinha no chapéu. Então ele começou a esbravejar com o vizinho que então pisava nos pés dele. Então foi correndo sentar.

Aí então eu dei com ele de novo no Paço de Roma. Então ele estava com um colega. O colega dizia então pra ele: "Você devia então botar mais botão no casacão". Então.

EMPOLADO

À hora em que já se encarquilha a dedirrósea Aurora, galguei, tal leste dardo, o estribo de um coletivo transporte, portento na estatura e frágil nos olhos doirados de neblina, da linha S, de sinuoso trajeto. Agilimo e impávido como Peri, preste reparei raparigo em ínvio pé de guerra. Seu pescoço era longalvo como o do cisne, e suportava um elmo de mórbido feltro ornado de fulva trança, quicá clânica herança de sêniores exercícios de estilo. A funesta Discórdia de sulfúreo hálito, estigma do vício que em sua encapelada boca não houveram extinto os mais fluorídicos mares de dentifricio, a Discórdia, lá ia eu dizendo, veio insuflar sua maligna procela no débil ânimo do cisnetrançado varão, que fero virou-se contra áltero passageiro de farinhoso viso, adereçando-lhe adrede: "Dizei-me pois, homem mau, por que fortuna pisoteais meus artelhos até que fiquem rubros como verso tinto de sangue?" Tendo assim falado e dito, célere foi sentar-se em vago lenho.

Mais tarde, na Taba Grecolatina de majestáticas proporções, azo me foi dado de entrever redobrada vez o doce bárbaro, que plástico tal cervo por ali passeava em lúdica companhia, ínclito cacique de mordas que se pronunciava em sua intenção. Nada querendo perder da nomotética fala, meus afiados aurículos colheram em preste espicho o dito alhures endereçado, e que de lídimio modo criticava a conspícua túnica do Herói: "Você lograria apreciável efeito diminuindo o cavadao de sua tanga, mormente pela adição ou alteamento de um ebúrneo botão de circular periferia".

POVÃO

Eram meiodia passada quandu a genti pudemu pegá ueçi. Aí a genti subimu, juntâmus caraminguá mais u menó nêin num pagô. Aí dispois a genti vimuomi gozadu, cum pescosçãu dipiru i um fiu nu tapamiolu. Eu oiei né, pru causa qui era gozadu quandaí dispois u omi puxô briga cu otromi ladu ladu lá deli. Aí entãu elidiçi pru otro êi vossê aí óia meus pé aqui, tudu içu xoramingando pru causa qui era di propositu qui eli axava. Mais eli tinhumedãu danadu di levá nu qengu. Daí intãu eli foi sissentá, tudu orguuiuzu. Dispois a genti fumo na estassãu comprás paçagi pru trêin das onse mais tevum pobrema i nós perdeu utrêin daí qui a genti vimuomi dinovu cuuamigu iu amigu disia açim pra eli: "Bototru botãu nu cazacãu".

OCORRÊNCIA

— **N**o dia da ocorrência, a que horas passou o ônibus da linha S das 12:23, direção Campeto?

— Às 12:38.

— Havia muita gente no indigitado ônibus?

— Às pencas.

— Algum elemento particular?

— Um elemento particular de pescoço comprido e trança no chapéu.

— A atitude do elemento era tão suspeita quanto a indumentária e a anatomia?

— No começo, não: o elemento se comportava normalmente, mas depois se alterou e foi causa de uma alteração que perturbou o desenrolar tranqüilo da viagem.

— Vamos passar à descrição objetiva da ocorrência.

— O elemento em questão teve um acesso de folia, referido no manual como ciclotímico-paranóico, talvez sob efeito de estrupafeciente, esmalte de unha ou cheirinho-daloló. Não foi possível proceder à verificação.

— Seja mais objetivo.

— O elemento interpelou um elemento vizinho com trejeitos de choro e disse que o interpelado estava aproveitando para pisar propositadamente nos seus pés sempre que subiam ou desciam outros elementos.

— A declaração tinha fundamento?

— Desconheço.

— Como se encerrou a alteração?

— Com a fuga precipitada do menor, que foi ocupar um assento vago.

— A alteração deixou seqüelas?

— Menos de duas horas mais tarde.

— Em que consistiram?

— Na reparação do elemento.

— Onde e como se passou a ocorrência?

— Passando no Paço de Roma.

— Qual era a atitude do elemento?

— Ia para cima e para baixo, tomando uma lição de elegância.

— Escreve aí: ocorrência de somenas importância. Deixa eu assinar. Porra, tô atrasado pro meu curso de ikebana.

COMÉDIA

Ato I

Cena I

Na plataforma traseira de um ônibus S, meio-dia de um dia qualquer.

TROCADOR — Passinho à frente, faisfavô.

Espreme-espreme de passageiros.

Cena II

O ônibus pára.

TROCADOR — Espacinho pra descê. Sòbimais? Lotado! Tôcupau.

Ato II

Cena I

Mesmo cenário.

PRIMEIRO PASSAGEIRO (*jovem, pescoção, trancinha no chapéu*) — Quer me parecer, distinto, que o senhor pisa nos meus pés de propósito quando passa alguém.

SEGUNDO PASSAGEIRO (*dá de ombros*) — ...

Cena II

Desce outro passageiro.

PRIMEIRO PASSAGEIRO (*monologando em voz alta*) — Oba! Um lugar vago, ainda quentinho! Na faixa! (*dirigindo-se ao público*) — Tal assento fica livre num momento crítico, é um convite... O que fazer? Ficar no campo de honra, à custa dos meus pés? Subtrair-me às injúrias deste cidadão? Sentar ou não sentar, eis a questão! (*hesita, varre o palco e a platéia com um olhar agoniado, depois se precipita e toma posse do lugar.*)

Ato III

Cena I

Paço de Roma.

UM JOVEM ELEGANTE (*ao primeiro passageiro, agora pedestre*) — Grande demais a fenda no seu sobretudo, devia fechar um pouco, põe mais alto o botão.

Cena II

A bordo de um ônibus S passando em frente ao Paço de Roma.

TERCEIRO PASSAGEIRO (*para o quarto*) — Olhalá, é bem o sujeito que agorinha mesmo estava às ruggas no meu ônibus de ida. Tamanha coincidência não pode ser obra do acaso! Vou aproveitar pruma comédia em três atos.

APARTES

O ônibus chegou vomitando gente. *Se eu pelo menos conseguir pôr o pé no estribo... acabo fazendo um cantinho pra mim.* Um dos passageiros *viso mais raro! um pescoço e esta cara de bostão* estava com um chapéu de feltro mole contornado por uma espécie de cordeleta em lugar da tira *não deixa de ser pretensioso* e pôs-se de repente *vixe! quéquideu no gajo?* a vituperar um vizinho *o outro não dá a mínima pro papo dele que acusava de pisar propositalmente parece galinho de briga mas vai ver que é bola murcha* nos seus pés. Como vagou um lugar no ônibus *quéqueu disse?* virou as costas e foi sentar-se.

Aproximadamente duas horas mais tarde *vai entender tanta coincidência* estava no Paço de Roma com um amigo *empoadado com a mesma farinha* que indicava um botão do seu sobretudo *pra que tanta peruagem se isto não vale um tostão?*

PAREQUESE

Botaram uns bostas abundantes bobeando no ônibus que os transbordava na boa bota com os bônus dos bornais aborrotados. Um bom bota-a-boca-no-trombone esboçou-se quando um boçal de bobó abominável se aborreceu com um probó bobô e botou o verbo: "Bonito! meu bolo é sob o seu! Bote além a bota!" Quase acabou em esbórnia, mas a víbora desbocada, mal deu o bote, borrou-se e escaboliu de embocar umas bolachas no rabo, indo aboletar-se num tamborete onde desabou como um rebotalho.

Ao cabo de umas boas, esborrei com o boçal em bochi-cho com outro bobo: "Tobo! Bota o botão no bolso!"

FANTASMÁTICO

Nós, guarda-caça da Planície Moncéu, hemos honra a Va. Sra. relatando por extenso a inexplicável e maligna presença, à data de hoje, dezasseis de maio do ano da graça de mil setecentos e oitenta e três, às redondezas da porta oriental do parque de S.A.R. Dão Filipe, sagrado e consagrado duque de Orleães, quiçá Bragança, de um chapéu mole cuja fôrma insólita vinha envolta em galão trançado de muy pouco heráldica aparência. Ulteriormente, houvermos constatado ainda a repentina aparição de um moçoilo, provido de longo pescoço e trajos nunca dantes avistados, ao gosto da China. O espantoso aspecto do precitado quidão gelounos o sangue e obstou-nos a retirada, tão prudente tal fôra. A aparição quedou-se imóvel poucos instantes, após o que foi presa de súbito desassossego em cujo curso agitava-se resmungando como se repelira invisíveis incubos só a si sensíveis. Sua atenção dirigiu-se entretanto a seu capote, e escutâmo-lo murmurar o que segue: "Falta botão, falta botão". Em havendo assim falado e dito, arrepiou caminho em demanda à Sementeira. Atraídos, malgrado os naturais receio e recato de vosso servidor, pelo muy extraordinário fenómeno, seguimo-lo para além dos limites atribuídos à nossa guarda e alcançamos, todos os três, servidor presente mais chapéu e quidão, brumosa e fria estufa assombrada por análogas aparições e, com todo o respeito devido à Vossa Alteza e à quinta que é vossa sanctificada propriedade, decerto em pacto com o demo pois que, longe de se desencorajarem, ambos outros dois, com o aspecto desolado de

tal sítio, pareciam ali regozijar-se, como plantados pés de couve; para despiste de sua estância inmundada, houveram inscrito "Paço de Roma" num muro, em marcada blasfêmia. O quidão, recém-chegando, foi galvanizado por nova crise de desassossego, e lacrimajante lamentou-se à couve mais próxima: "Ele me espezinhou", o que dito desapareceram, avante ele, a seguir, o chapéu. Com o quê, e empós de muy extenso e reflectido modo haver outrossim relatado, para Vossa ciência, o fenómeno acontecido e sua não menos extraordinária liquidação, vou-me deste passo à taverna do Paulistinha para esvaziar um chopps.

FILOSÓFICO

A cidade polifônica que se afirma hoje, expandindo para além do eurocentrismo historista e redutor novos arcanos do inteiramente outro, oferece agenciamentos atópicos multivocais e multi-sensoriais onde, já desinvestidos da própria ilusão neurotizante de possessão formal do ser-objeto como única fonte do desejo, podemos enfim orquestrar séries infinitas de relações cuja fractalidade constitutiva deixa repercutirem, como numa imensa câmara eletrônica de ecos icônicos, as múltiplas instâncias do ser pós-industrial, para quem o aparente caos videoacústico reveste a forma lúdica da afetividade confluyente e da sexualidade plástica como reatualização cognitiva constante, muscular e neurolingüística, da história paradãmica em sua espiral incessante, ângico-luciferina, cintilações fugazes onde brilham contudo, fazendo estilhaçar-se em miríades significantes o silêncio terrorista da função forclusiva, traços da aspiração vocativamente multifacetária que permite ser ao originário uno tangencialmente conjugado em espezinhan-te atração pelo baixo dia-a-dia, no que falo comunga e fala, palavra cotidiana de si mesma olvidada, como resgate do alto em vortical avesso. O *locus* muscular privilegiado torna-se feixe de enunciações conceito-afetivas voluntária e voluntariosamente abertas na aleatoriedade vetorial cuja topologia alternada justapõe uma variedade de expansivas expansões, universos interiores em convival secância periodicamente provável e holisticamente indeterminada, o que permite às máquinas desejoso-desejantes indexadas ao

processo formal de traslado meta(eu)forizante as mais polissêmicas arquiteturas de intra-engrenagem pulsomocional, onde a descoberta se alia ao risco sempre presente de uma reciprocidade falha, expressa em proposições reclusas na lógica agressiva remanente: estamos aí diante do óbvio sintoma de angústia frente à devorante banalidade do sambodrama da história, que afeta os simulacros antropomorfos de forma tanto mais previsível quanto mais se acentuam suas pulsões estilístico-primárias, aqui sob a forma de mórbido apêndice cervical, acolá de fina matéria serpentina, como se uma inexorável força centrípeta encerrasse o descer numa estase modal-representativa, surda a quaisquer potencialidades da supernova catástrofe que não seus cantos anarmônicos; é pós-trágico, certo, paródia prenhe de paixões patético-platônicas, mas virtualmente condenado à ambivalência signica uma vez superado o fórceps totalitário da superação: amor-ódio, amoródio, amódio esquizicamente uns.

Na mesma teia epistêmica, outro acontecer fortuito é iluminado pela coruscante brilhância do efêmero a ritmar o caos úrbico em provisórios ordenamentos de virtuais possíveis e de possíveis virtuais, emprestando um eixo hermenêutico privilegiado à desconstrução de um troca-troca proposicional entre dois simulacros da mesma farinha, segundo o qual uma fissura estilística pode, com probabilidade significativa, atingir uma solucionática parcialmente resolutoria através da elevação topológica projetada de um esferóide material; em poucas palavras: basta resolver para fechar, sobretudo.

APÓSTROFE

Ó estilógrafo platinopenado, que teu agílimo curso trace ligeiro sobre o alvo dorso do papiro tais glifos alfabéticos que transmitirão aos homens de lunetas faiscantes o relato empírico de funesto encontro sob auspícios onibusilísticos. Fero corcel de recônditos sonhos, fiel camelo de meus feitos poéticos, esbelta fonte de vocábulos contados, pesados, triados, descreve pois as curvas metafóricas e metonímicas formando os tropos ideogrâmicos desta narração fútil e derrisória onde desfilam fatos e espalhafatos prodigados, um dia no S, por certo pubescente, oco e retorto, decerto incôncscio que, pelas linhas tortas da fortuna, metamorfosear-se-ia ele no herói que minha pluma anima, por meu labor ingente mortal.

Almofadinha cujo pescoço desmesurado culmina em chapéu conspícuo e galonado, periquito birrento, irado, tu que fugiste à rinha e lesto foste depor teu medro fundo em lenho rijo — opróbrio enrubescendo tuas nádegas! —, hou-veras deveras intuído o retórico fado a que prometias quando, no férreo logradouro que assaltava peripatético público, ouvias a orelhas desfraldadas tal conselho de costura que teu superior botão adrede inspirava?

DESAJEITADO

Não costumo escrever. Quer dizer, não sei. Eu bem que gostaria de escrever uma tragédia ou um soneto ou uma ode, mas têm regras. Elas me atrapalham. Não é para amadores, não. Tudo isto aí já está bem ruinzinho. Enfim. Ainda hoje vi um caso que eu queria pôr no papel por escrito. Pôr no papel por escrito não é lá muito bom. Deve ser uma dessas expressões feitas que desagradam aos leitores que lêem para os editores que estão procurando a originalidade que lhes parece necessária nos manuscritos que eles publicam depois que eles foram lidos e que eles acharam desagradáveis expressões do gênero "pôr no papel por escrito", mas não deixa de ser o que eu quero fazer com este caso que vi ainda hoje, se bem que eu seja um simples amator atrapalhado pelas regras da tragédia, da paródia e da comédia porque não costumo escrever. Merda, acabei voltando lá para o começo, nem sei como. Não vai dar certo nunca. Azar. Vamos botar o preto no branco. Mais um chapão. E depois o fulano não tinha nada de preto, senão o chapéu maria-rosa-mole. Ah, essa aí foi boa. Inesperada. Se eu escrevesse agora: pegaram o gostosão pela trancinha e fizeram uma gola de feltro com recheio de pescoção, é bem capaz que fosse original. Mas não. É legal, mas incorreto. Eu digo: o jovem rapaz tinha uma trancinha, viu o anjo, esqueceu tudo e ficou bem; acho que não é bem original, mas é correto. Talvez eu ainda acabe tomando chá na Academia ou pelo menos sendo convidado para a feira de Frankfurt. O que me impede de melhorar, afinal? É escrevendo que se vira escre-

vedor. Essa aí é do cacete. Mas sem perder a medida. O fulano da plataforma então já devia estar por aqui, quer dizer, não comigo, agora, mas fora de si, é assim que se escreve, quer dizer, é meu personagem, e assim sem mais nem menos deu de esbravejar com o vizinho por causa que, ele dizia, o outro pisava nos pés dele sempre que tinham que fazer espaço para o pessoal subir ou descer. Ainda mais que, depois de tanta onda, partiu a jato para sentar-se assim que viu um lugar livre lá dentro, como se tivesse medo de levar uns sopapos. Ah, acabei conseguindo contar, de um jeito ou de outro, a metade da minha história. Me pergunto como. Escrever é gostoso. Mas falta o mais difícil. A transição. Ainda por cima, não tem transição nenhuma. Chamo o anjo? É melhor ir parando por aqui.

DESENVOLTO

1

Subo no ônibus.

- Vai pro Campeto?
- Não sabe ler?

Ele mói minhas passagens na maquininha que leva na barriga.

- Taí.
- Falô.

Olho em volta.

- Escute aqui, cavalheiro.

O sujeito está de chapéu com um fio trançado.

- O senhor não pode prestar mais atenção?

Risco de pescoço.

- Mas assim não é possível!

Lá se vai aboletar num banco.

- Que coisa — digo com meus botões.

2

Subo no ônibus.

- Vai pra Contrescarpa?
- Não sabe ler?
- Tá bem, não precisa encrespar.

Seu realejo sempre moendo as passagens que ele me devolve moídas com um arzinho superior.

- Taí.
- Falô.

Passando pela estação São Lázaro.

- Olhalá o sujeito de agora há pouquinho.

Espicho a orelha.

- Você devia pôr outro botão no sobretudo...

Mostra onde.

- ... decotado demais...

E como.

- Poizé — digo com meus botões.

PARCIAL

Depois de uma espera desmesurada sob um calor do cão, o ônibus apontou afinal na esquina e veio frear encostadinho à calçada. Algumas pessoas desceram, outras subiram: eu com elas, todo mundo de montão na plataforma. O trocador espremeu veementemente uma buzina e o veículo retomou a marcha. Enquanto eu destacava do carnê as passagens que o homem da maquineta ia moer na barriga, pus-me a inspecionar os vizinhos. Só barbado. De mulher, nem sombra. Que saco, nada de lasquinha. Em volta começou uma fuzarca e logo descobri a causa: um moleque de uns vinte ou quarenta anos, usando uma cabecinha em cima de um pescoção, um chapelão em cima da cabecinha e uma trancinha das mais traquinas em torno do chapelão, fazia um berreiro monstro.

Sujeitinho mais barato, disse comigo.

O sujeitinho não tinha a menor compostura. Resolveu enfezar para cima de um pobre cidadão que acusou de esmigalhar seus pés a cada sobe-e-desce de passageiros. O outro encarou feroz seu focinho, procurando uma réplica à altura no repertório que já vinha sem dúvida carregando através de todas as circunstâncias da vida, mas ficou mudo de raiva, perdido no próprio arquivo. O jovem, temendo uns tapas como resposta, aproveitou o assento que a chance viera de deixar em liberdade e aboletou-se precipitadamente.

Desci antes dele e não pude continuar observando seu comportamento. Já o apagara da memória quando, duas

horas mais tarde, eu no ônibus, ele na calçada, demos novamente de cara no Paço de Roma, lamentável como sempre.

Caminhava para cima e para baixo em companhia de um camarada que devia ser o professor de elegância e que o aconselhava, com pedantismo dandesco, a diminuir a abertura do seu sobretudo com um botão adjunto.

Sujeitinho mais barato, disse com meus botões.

Depois nós dois, eu e o meu ônibus, continuamos nosso caminho.

SONETO

De glabro focinho e coco trançado,
Um chato mocinho de melancólico
Pescoço ia, meridiana cólica,
Tomar um ônibus quase lotado.

Veio o primeiro, esse ou talvez um S,
Cuja plataforma, ínfimo espaço,
Portava em seu seio perverso ricaço
Acoplado ao verso de quem pudesse.

O jovem giráfico d'outra estrofe
Apostrofa furioso o solerte sátiro
Que, exclama, quer causar-lhe catástrofe.

P'ra sair do aperto senta-se em vago
Lugar. Passa o tempo. Em vasto átrio
Tal bruto botão diz: "Fecha teu saco!"

OLFATIVO

No meridiano S havia, além do usual odor de povo,
odores outros de ovo, de polvo, de corvo, de peido, de
monge, de pobre diabo, de morto, de grego, de grogue, de
flatus voci, de troiano, de aqui-jaz, de butique, de brega-chi-
que, de boticário, de banheirinho, de otário, de sagradável,
além de um cheirinho juvenil de pescoço, uma boa pers-
piração de barbantino trançado, uma dose bem ácida de
bronca e um fedor de covardia constipada tão forte que,
duas horas depois, quando passei defronte à estação São
Lázaro, ele ainda estava no meu nariz, apesar do disfarce
cosmético, grifado e na moda que emanava de um botão lá
por aquelas bandas, sem faro nem senso de colocação.

GUSTATIVO

Ônibus tem gostinho. Esquisito mas incontestável. Cada um, o seu, e quem provou, sabe: basta experimentar. Aquele lá, um S — um forno ao meio-dia, de ficar de língua de fora —, para não fugir da receita, tinha um quê de amendoim torrãozinho que dava água na boca. Na fôrma de trás, já vinha tudo amassado feito paçoca. Uma comilona que desse as bocas por lá teria lambido um pirulito de uns metro e sessenta, salgado de meia-cura e com pescoço de balzaquiano, fino e grelhado. De cobertura, um fio de chocolate trançado de lamber os beiços. Sem entrar no bolo, degustamos o chicle do banana, era massa mas deu no maior abacaxi, com castanhas de irritação, vinhas da ira e bagos de impaciência coroando o purê.

Duas horas depois, vimos a sobremesa: puro osso... e tão bom: creme e redondinho!

TÁTIL

Ônibus são bons de pegar, maciños quando a gente põe no colo e acaricia com as duas mãos, da cabeça às rodas, do motor à traseira. Mas ali na plataforma, logo se percebe uma coisa mais dura, meio fria, é a barra de apoio, a menos que seja uma nádega, mais arrebitada e elástica. Às vezes duas, daí a gente põe nos plurais. Também dá para pegar num tubo que palpita com muita bobagem dentro, ou numa espiral mais transada que um terço, mais doce que um chicote, mais aveludada que uma corda. É toda uma arte cutucar, com a ponta dos dedos, a babaquice humana, sobretudo pegajosa de suor.

Mas se a paciência agüenta duas horas e se enrosca numa estação mal-acabada, é mole botar uma mão boba na frescura espessa e subir o osso fora do lugar.

VISUAL

Visão de conjunto: verde com teto branco, compridão e envidraçado tão bem que não sou eu quem vai atirar a primeira pedra só para estragar. A plataforma traseira sem cor nenhuma, cor-de-gato-pardo, para vocês verem melhor. Sobretudo cheio de curvas, um monte de ss como um violão. Mas ao meio-dia, na famosa hora do olho gordo, é um pega-para-capar. Olhando atentamente, é possível recortar no magma formado um retângulo bege, acrescentar um oval ocre e colar por cima um cone feito a mão, cor-de-burro-fugido, com uma trancinha abóbora para dar mais efeito. Depois, espalhar meio a olho, onde der, uma boa mancha vermelha para exprimir a discórdia e uma cuspida cor-de-titica para a bile recolhida e o cagaço apavorado.

Só falta te desenhar um mantô roxo bem chinfrá e cravar na fenda um botão de arromba, bem redondinho.

AUDITIVO

Pipocante e estalejante, o S veio arranhar o silencioso meio-fio. No alto, o sol a prumo dava a chave. Os pedestres tocavam a música de sempre, zoando como gaitas em coros lancinantes. Os mais lesto na execução conseguiram ser transportados rumo ao Campeto, de tão cantantes arcadas. Entre os eleitos arpejantes, figurava uma flauta azeda, arranhada pela partitura da vida, cuja coda era uma espécie de violino de cordas trançadas; as escalas aleatórias de um fazedor de címbalos tinham enfatizado seu gongo com as tonalidades destoantes de um tubo de clarineta em clave humana. O ônibus seguia seu moderado andante, e da sua fossa advinha em surdina a toada dos executantes executados pelo calor gritante, em contraponto com os trinados que, a intervalos regulares, esgoelava o trocador atonal e repetitivo, quando alguém por ali deu canja de repente no trombone, e irrompeu uma dodecafônica cacofonia onde os agudos azedos da flauta interpelavam a raiva profunda e cavernosa do contrabaixo: magistral, de pôr a viola no saxo.

Suspiro, silêncio, pausa e sobrepausa: ataca a marcha triunfal de um botão em vias de passar à oitava superior.

TELEGRÁFICO

ONIBUS LOTADO STOP RAPAZ PESCOÇÃO TRANÇA
CHAPEU DISCUSSAO SEM PE NEM CABEÇA STOP QUA-
TORZEH PAÇO ROMA C/CAMARADA PAPO MODA STOP
CONCLUSAO: BOTAR BOTAO STOP ASS: MERCURIO

ODE

Ônibus meu vil, esse S
de tão conturbado trajeto
hoje parece uma quermesse
— gente saindo pelo teto
E mais embarca a todo instante!
Um parasita fura a fila
E no chapéu mole, que displante!
Leva um barbante em vez de fita.

A plataforma entra em transe
quando ecoa, sem mais aquela,
do seu gogó, glabro e gigante,
ríspido ataque ao matusquela
seu vizinho, nada bonzinho,
pois aproveitava o amasso
para pisar no seu pezinho
que já ia virando paçoca.

Já na hora da antiestrofe
reencontrei o lambisgóia
perambulando em plena apóstrofe
com seu mentor nessa tramóia
e mal cri no papo entretido
pelos dois em plena estação,
que conselho mais descabido
sobretudo ali, concernindo

um raio de botão!

PERMUTAÇÕES DE GRUPOS
DE 5 A 9 LETRAS

Porvo um dia meiod ltado lataf ianap rasei ormat mō-
nib radeu muito usnão dopar longe ncéus quemo einum
repar depes rapaz ongod coçol exhibi emais chapé ndoum
isito uesqu barba comum ançad ntetr afit oesem. Ntele
derepe elouse interp hoacha uvizin estepi ndoque sseusp
savano opósit ésdepr equesu osempr descia biamou geiros
mpassa. Ourapit abandon discuss amentea rsejoga ãoparai
garvago remumlu.

Orasma is algu mash revidEFR tarde euo ação sãoI onte à
est versando azar ocon ent econh a nima dam eiro quel num
compa conselho hed avaum: "Sapôr mais vocêp reci sobre-
tudo umb otão no".

PERMUTAÇÕES DE GRUPOS
DE 4 A 8 PALAVRAS

Dia ao um meio-dia, de traseira na plataforma, não
muito ònibus um do longe parque Moncéu, um dei cafajeste
com pescoço demais de longo, chapéu um que exhibia bar-
bante esquisito um com substituindo trançado a fita. Seu
repente, vizinho de interpelou, achando que pisava nos este
propósito cada pés vez de passageiros desciam ou subiam.
Rapidamente discussão abandonou tal ir para um em lugar
vago se jogar.

Horas esse revi tipo eu depois algumas à estação com
conversando animadamente, São Lázaro defronte lhe um
colega dava um conselho: "Botão um mais no precisa pôr
sobretudo você".

HELENISMOS

Num hiperautômato repleto de petrolonautas, fui mártir de um microrama em cronía de metafluência: um hipotipo icossapígio, que forizava no acme um pétaso periciclado de caloplegma, anatematizou com toda húbris de sua macrotraquéia eucilíndrica um efêmero e anônimo artrópode, o qual, segundo pseudolegomenava, epivedava-lhe os bipodes durante a catabase dos metecos metaforizados. Tão logo euriscopada uma cenotopia, peristrofou-se para ali se catapultar.

Em uma cronía hístere, estesiei-o defronte ao siderodrômico estatma hagiolazárico, peripatando com um compsantropo que lhe simbolava a metacinese de um onfalo esfíncter passivo de hipóstase.

CONJUNTOS

Tomemos, no ônibus S , o conjunto A dos passageiros sentados e o conjunto D dos passageiros em pé. Numa parada aleatória, encontra-se o conjunto P das pessoas esperando. Seja C o conjunto dos passageiros que sobem; trata-se de um subconjunto de P que é ao mesmo tempo a reunião de C' — o conjunto dos passageiros que permanecem na plataforma traseira do ônibus — e C'' — o conjunto daqueles que vão sentar-se. Demonstrar que o conjunto C'' é vazio.

Sendo F o conjunto dos figurinhas e $\{f\}$ a interseção de F e de C' , composta de um único elemento; a partir de um fenômeno de espezhamento secante, pondo em contato os pés de f sob os de v (elemento qualquer de C' distinto de f), cria-se um conjunto M de palavras emitidas por f . O conjunto C'' tendo-se tornado não vazio, demonstrar que ele se compõe do elemento único f .

Sejam agora P o conjunto dos pedestres presentes defronte à estação São Lázaro; $\{f, f'\}$ a intersecção de F e de P , B o conjunto de botões do sobretudo de f , B' o conjunto das posições possíveis para os botões segundo f' . Demonstrar que a injeção de B em B' não é uma bijeção.

REACIONÁRIO

O ônibus chegou, é lógico, com gente saindo pelo ladrão e o intolerável “passinho à frente, por favor” do bilheteiro. Não fossem a jornada de oito horas e os ignóbeis sindicatos, não haveria tais desmandos. Além do mais, o povo é indisciplinado, ninguém respeita nada neste país! A prova é que, para acabar com a pouca-vergonha, é preciso distribuir senhas obrigando esta gentalha a respeitar a fila, senão em dois tempos isto aqui virava bagunça. Hoje mesmo estávamos ali esperando, bem uns dez, com um sol de rachar e ainda por cima o ônibus já chegou lotado, vi logo que não tinha colher-de-chá, então resolvi ir dando uns chega-pra-lás e berrando “Oficial!” ao mesmo tempo, não é à toa que ando sempre com uma carteirinha riscada com as cores nacionais, para impor respeito — funciona sempre, cobrador é bicho burro — e acabei subindo: afinal, não ia perder meu negócio por causa de um zé-povinho que parece não ter nada melhor para fazer que peruar na fila. Já lá dentro, tive que ficar na plataforma, apertado que nem sardinha em lata. Uma promiscuidade revoltante! O único consolo é quando aparece uma bundinha bem redonda de ninfeta. Ah, juventude, juventude!... Mas ali só tinha marmanjo, a começar por um pilantra de pescoção que levava um chapéu mole com uma trancinha infame. Deviam botar toda esta corja num campo de concentração a trabalhar um pouco, em vez de ficarem por aí se drogando! No meu tempo, a gente sabia o que é ser íntegro, não tinha essa de rebolar com tanga de oncinha e ficar comendo suchi, sor-

vetinho de kivi, que merda é isso!... ainda por cima, pagam os tubos, e de onde vem tanta grana, hein?! Vocês podem me dizer?! E a gente aqui pagando imposto, só de pensar!... Bom, mas o tal moleque resolveu, assim de sopetão, destartar um cidadão visivelmente de bem, pai de família, respeitável, vai ver até que militar... e não é que o tal escuta calado e leva o desaforo para casa? Não é por menos que nossos políticos estão aí enchendo os bolsos e ninguém diz nada!... Quanto ao safado, assim que viu um lugar disponível, foi-se aboletar sem nem pensar em oferecê-lo a uma senhora. Onde já se viu? Que época!

Para estragar definitivamente o dia, acabei topando de novo com o tal ranhento pretensioso no Paço de Roma. Sassaricava por ali em companhia de outro pilantra da mesma laia, que dizia potocas sobre o jeito como ia enfarpelado — em vez de irem apedrejar um comitê de esquerdistas e queimar uns livros para botar os baderneiros na linha! Que país é este?!

PAI-DOS-BURROS

Num intervalo de tempo correspondente a duas passagens consecutivas de um dado ponto da esfera celeste pelo meridiano superior ou inferior do lugar, por volta da hora ou momento que divide ao meio o dia alumiado, no estrado da retaguarda de um veículo automóvel para transporte público de passageiros com itinerário preestabelecido correspondendo à décima-oitava letra do alfabeto, fixei a vista em um indivíduo infame, desprezível, biltre, canalha, com a parte do corpo que liga a cabeça ao tronco excessivamente estendida em sentido longitudinal, e expondo uma peça de feltro que cedera à compressão, munida de copa e abas e destinada a cobrir a cabeça, onde um cordel delgado e entrelaçado de três ou mais madeixas, passando-se alternadamente a madeixa da direita ou da esquerda sobre a(s) do meio, fazia as vezes do tecido reto e fino, de fio natural ou sintético, cuja largura não ultrapassa, em geral, 40 cm, usado para atar, ornamentar, debruar etc. Num dito ou ato repentino, irrefletido, o indivíduo infame, desprezível, biltre, canalha acima dirigiu a palavra a seu limítrofe ou confinante, demandando explicações, levando em consideração o fato de que a pessoa próxima a quem se dirigia estava-lhe esmagando a parte inferior da perna, articulada com esta e assentando por completo no chão, com suas próprias partes, tudo isso intencionalmente e por querer ou acinte, adrede. Renunciou ligeiro, em muito pouco tempo, ao vozerio de briga e foi se dar boletos em um espaço próprio para

determinado fim que não se encontrava ocupado ou preenchido.

Um entre dois ou mais números ou sinais que nos quadrantes de relógio servem de indicadores depois do tempo próprio, conveniente ou ajustado, tornei a examinar o indivíduo infame, desprezível, biltre, canalha cuidadosamente em oposição ao lugar onde para os trens nomeado, referido, conhecido por Sagrado-Irmão-de-Marta-e-Maria-ressuscitado-por-Jesus. Balançava o corpo, dançando ou andando com um que é ligado a outrem por laços de amizade que o obsequiava com um senso do que convém: "faça mudar ou trocar mais uma pequena peça, quase sempre arredondada, que se usa para fechar o vestuário, fazendo-a entrar numa casa ou presilha, e também como ornato, no seu casacão usado pelos homens sobre a roupa, como proteção contra o frio e a chuva; sobreveste, balandrau".

HAI KU

É esse o S
estribo pescoço
rebordosa e retirada
botão na moda
estação

HAIKIKAI

O ônibus chegou
Um carinha enchapelado embarcou
O pau quebrou

Depois na estação
Rolou papo de botão

VERSOS LIVRES

Ônibus
cheio
coração
vazio
pescoço
trançado
cordão
transado

pés
chatos
pés pés
de chato
pés pés pés
achatados
pés sobre pés

e o escuro encontro no hall da estação, mil
olhos

faróis apagados
do coração, do pescoço, do cordão, do pé
frio
e chato como um
botão.

FEMININO

Bando de palermas! Hoje, lá pelo meio-dia (*um calorão, ainda bem que tinha posto um pouco de odorono, senão o vestidinho leve de estação — um tomara-que-caia em orgândi, um sonho! e o preço então! quem fez foi ela, a costureira — uma amiga da Calu, se quiserem dou o endereço, ela trabalha direitinho, num instante e ainda dá o pano, quase de graça, que boba!*), pertinho do parque Moncéu (*é mais bem freqüentado do que o Luxemburgo, só deixo o menino ir brincar lá porque fica ao lado de casa, mas também que idéia ter pelada na sua idade!*), o ônibus passou cheinho, mas fui fazendo charme para o trocador e me deixaram embarcar. Naturalmente o bando de grosseirões começou a brandir furiosamente as senhas, mas e eu com isto! O ônibus já ia longe... e eu dentro. Estava um horror! Fiquei ali superespremida e nenhum dos marmanjos refestelados na cabine pensou em se levantar para me oferecer o lugar. Uns cafajestes! Do meu lado, ia um moçoilo caindo de charme (*é chiquésimo a trança em volta, em vez de uma fitinha sem graça, e depois o feltro desestruturado e o pardeçu verde-limão-da-China, eu só tinha visto na revista Onda, tão primeiro mundo!*), pena que o pescoço era um tantinho espichado pro meu gosto (*a Calu bem que diz que, se um homem tem uma parte saliente — um narigão, por exemplo, ou o polegar —, é que o resto... eu por mim não acredito muito nessas invencionices... se bem que, às vezes...).* Aquela simpatia passava o tempo todo se remexendo, eu não entendia porque ele não tentava logo alguma coisa, um gracejo, uma casquinha, sei lá! É tímido, pensei, e não

estava completamente errada, pois não é que de repente se meteu a choramingar porque outro homem (*um bagulho*) estava esmigalhando seus pés de propósito, ele dizia. Se fosse eu, quer dizer, se eu fosse o rapaz, metia-lhe a mão na cara, mas o paspalho preferiu sair correndo e se aboletou assim que viu um lugar que, aliás, não pensou nem um minutinho em me oferecer. O que a gente não é obrigada a aturar! E no país do galanteio, ainda por cima! Um nadinha mais tarde, voltando das Casas Taprati (*tinha um colã da Azedinha Laialá, roxinho com petipoás cor-de-jaca e umas meinhas açai acompanhando, um luxo! Lá na aeróbica as peruas vão se babar de inveja, perguntar em que shopping eu fui, mas não digo nem morta!*), lá vinha eu passando pela frente da São Lázaro (*ia sentada dessa vez*) quando reparei... adivinha!... Nossa, que boca, menina!... É, o próprio, só que desta vez um amigo (*um gato, nem te conto!*) estava lhe dando (*além de tudo, entendidíssimo!*) um conselho de decote (*mas eu acho que pro verão um capotinho assim mais cavado, além de vestir bem, é fresquinho*). Eu bem que olhei, fingindo que era por causa do decote, mas vai ver que nem se lembrava de mim, o imbecil não deu a mínima! Aliás, nenhum dos dois. Quando eu te digo...

TRANSLAÇÃO

Um diabásio, por voltaísmo do meio-navio, no platanáceo trasflor de um onicólise B, perturbador do parrafar Mondubim, reparti num cafarnaum de pesga lonita demão, exigindo um chapéu-de-coiro com um barbarense em lugente do fiteiro. De repercussivo, interpolou seu voador-cascudo, achatando que o outubro piscamentava nos seus peadouros de propriaense, sem-sal que subjaziam ou descerravam passamanarias. Abanicou rapinadamente o disentérico para se jogralesar em um lugente veadeirense.

Hordeínas mais tardívagas, na camisa-de-vênus para casacão, eu o reverbero defumado ao estacionamento São Lourenço do Ipixuna em animista conversão com um colegiense que lhe dardejava um consentimento: "porangueiro um botaréu no teu sobrevivendo".

LIPOGRAMAS

1

O evento se deu com o sol no zênite, num ônibus de signo S cheio de gente. Presente, entre outros, um mequetrefe de pescoço compridíssimo, com um esquisito boné e um fio entretecido pendendo. De repente, o referido resolveu discutir com o vizinho, suspeito de bulir-lhe os pés melindrosos nos sobes-e-desces do público. Contudo, logo se esgueirou do diferendo, temendo uns pescoções, e empreendeu o preenchimento de um sítio disponível.

Uns bons momentos depois, dei com ele de novo em frente do receptivo edifício Bento Leproso, em conspícuo grêmio com um tinoso de seu próprio estofa, cujos despropósitos sobre sobretudos e botões escutou embevecido.

2

Um dia, com o sol nos píncaros, subi num ônibus da linha S lotado. Ia lá um rapaz com o gogó muito comprido, usando um tapa-miolos fofo cuja fita fôra substituída por um fio trançado. Súbito, o tal dirigiu a palavra ao vizinho, cuja sanha a plantar os cascos nos sapatos do apostrofador arruinava o pouco humor do janota. Abandonou logo a

discussão para não tomar uns tapas, indo ocupar um posto vago.

Algumas horas transcorridas, vi-o uma nova ocasião ao longo do logradouro público São Lázaro, caminhando para cima ou para baixo com um amigo a constatar: "há muita abertura no casacão, bota ali outro botão".

3

Tudo começou com o sol a pleno prumo, graças aos céus logo chegou o frescão S, pena que lotado. Dava nos olhos, lá dentro, um tresloucado de pescoço longo em excesso e touca mole decorada com um cordão trançado. De repente, o escandaloso esbravejou que o pobre senhor ao lado massacrava seus artelhos por querer, nos sobes-e-desces dos transeuntes. Contudo, furtou-se em poucos segundos à altercação, temendo um tostão na cachola, e aboletou-se logo num lugar vago.

Algumas horas após tal fato, lá estava ele de novo perante meus olhos, defronte à estação São Lázaro, batendo pernas com um semelhante que lhe dava conselhos ultra-aberrantes: "bota outro botão no sobretudo arreganhado".

4

Um dia, nas cercanias da faixa meridiana, uma jardineira da linha S, extremamente cheia, viu-se investida pela expectante leva de variadas classes que insistia em esperá-la. Ali se inseriu, entre as demais peças raras, um infame rapaz,

cuja garganta inenarrável alicerçava cabeça e chapéu sem estrutura, em que se exibia uma trancinha nada banal. De repente, semelhante crápula insurgiu-se em reprimendas dirigidas a um circunstante que, dizia tal impetrante, espezinhava adrede seus pés, sempre que subia e descia a ralé. Incapaz de levar adiante a rixa, já que temia a lídima fúria de sua incauta vítima, escafedeu-se para derruir sua vasta nulidade em lugar virgem.

Duas horas mais tarde, revi a tal triste figura em frente da gare Saint-Lazare, a caminhar para frente e para trás em presença de um pilantra de sua espécie que lhe dizia: "fecha mais tua casaca".

5

O acontecimento referido adiante foi presenciado por mim a bordo do transporte coletivo S, indo lotado certo dia sob o sol tórrido. Entre os passageiros espremidos, destacava-se o singelo exibindo modiglianesco pescoço e tampa na moda, envolta com fio trançado em vez de fita. De repente, veio à tona o protesto irado desse elegante, vítima das insidiosas espezinhações do velho imbecil ao lado, aproveitando os movimentos constantes dos passageiros. Temendo corretivos ainda mais diretos, o jovem só pôde partir em demanda do primeiro banco vazio.

Dois giros mais tarde, reapercebi-o no Paço de Roma, frente à estação São Lázaro, em peripatética disposição com tal conselheiro a dizer-lhe em toda amizade: "o botão de cima deste lindo casacão poderia ser ligeiramente deslocado, para dar máximo valor ao caimento".

GALICISMOS

Stava puko kaz miDía, y percevejy, na plateforme du ôtôbus S, ù jênómi cū grã cù, cómmu siô luy avesse tirado ěcima, et ù chapômû ětornado dj cordáu tressado. Ece jênómi fiká sudã foliú et aküz ässi ù Respektabl'mëssinhô de luy marchá nu zarpiáu. Pois senvá versũ sítio livro.

Maís taRdj, r ěcôtro luy na cúr dj Rómm, marchevându dj longuém largo cū cõpañero qui luy dizève: "Vossê devria fazeRRajuntá ùôtro butáu ao teu porcima".

PRÓTESES

Zum idia, apor svolta pdo emeio-adia, kna cplataforma utraseira ide pum cõnibus, vnão nmuito elonge zdo wpar-que Ymoncéu, treparei cem bum frapaz jde ppescoço qlongo sdemais pexibindo pum kchapéu ucom hgalão gtrançado fno elugar wda afita. Lde nrepente, pele minterpelou do yseu avizinho, lachando tqe beste ipisava zos kseus opés vde bpropósito çcada uvez xque isubiam pou adesciam spassageiros. Xele nabandonou irapidamente ça ndiscussão spara jir zse tjogar tem rum olugar jvago.

Calgumas hhoras nmais atarde, feu so lrevi ena gfrente çda bestação Psão Glázaro, bem laminada uconversação ucom xum kcolega wque olhe pdava dconselhos ya ppropósito bde hum çbotão lde rseu ssssssssssssssssssobretudo.

EPÊNTESES

Uom dica, poar voluta dio mepio-dita, nua platafor-
ma trasegira doe uam ôniobus, namo mufito lonage duo
paroque Monicéu, rexperei eum uam raspaz die pesucoço
lonago dembais exhibindo uem charpéu coim uom gaplão
tranuçado neo lugrar dia ficta. Due respente, elle interape-
lou seju virzinho, achanado qui esote pissava oas sexus péis
dae prospósito cauda veoz quae subpíam onu desociam
passageiros. Ecle abanidou raspidamente tael discussão
parta iar soe josgar eam uom luggar valgo.

Alegumas horpas maxis tarade, exu renvi taol tipco nua
frenote dia esotação Suão Lárzaro, conuversando animba-
damente coem uim corlega quie lhae davra conelhos
sombre uom bostão dio segu sobrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrre-
tudo.

PARAGOGES

Umb diax, pora voltam doc meios-diap, naz platafor-
maf traseirar deh umu ônibuss, naol muitok longet dor
parqueu Moncéus, repareio numa rapazx dep pescoçoh
longou demaist.

Exibindoy ump chapéuç come umi galãox trançadol
non lugarp day fitax. Deb repentec, interpelouu seul vizi-
nhog, achandoç quem estep pisavam-lhei ost pest deu pro-
pósitoc cadal yeza quer subiamu ouf desciamu passageirosk.
Abandonoux rapidamentem talo discussaor paras ira sem
jogart emb ump lugare vagoy.

Algumasp horasp maisp tardem euh revis tale tipok
naç frentex dac estaçaow Saot Lazaroy, conversandob
animadamentex coma ume colega quem lhem davap
conseliosa sobrer umo botaol doc seux sobretu-
doooooooooooooooooooooo.

METÁTESES

Um dai, pro votla do meoi-dai, na plafortama traisera de um ôbinus, noa mutio logne do praque Monecu, rerapei em um cagafeste de psecoço logno demias, ebixindo um cheapu essiquito de brabante tançando subistitundo a tria. De repnete, intrepelou o pagasseiro mias prómixo, sbo o agrumento qeu etse noa pavara de psiar-lhe os psé de porpósito dunarte a sibudo e a dedisca de passareigos. Abondanou rampiadente tla dsicussão e fio se alobetar mnu lagur dipsonível.

Aglumas haors mias trade, vo-i nomavente derfonte à etsação Soa Larazo, conservando anamido cmo cogela qeu leh vada insturções rosbe o garu de abretura do sue sorbetudo.

GRAMÁTICA TRANSFORMATIVA

1 Estruturas frásicas unitárias

1) O ônibus circula, um incidente se produz entre A e B, logo interrompido.

2) Novo encontro ocorre entre A e C, A escuta uma proposição transformacional.

2 Regra de expansão

O ônibus S / lotado / circula um meio-dia qualquer / perto do parque Moncéu / entre Contra-escarpa e Campe-to ...

... o abominável bocó ouvia embevecido potocas que não valiam um botão / o elegante jovem escutava atentamente considerações estéticas concernindo seu botão superior.

a. Aspectos seqüenciais:

O ônibus transporta passageiros / circula com A + B

b. Agenciamentos contexto-sensíveis:

B pisa em A \Leftrightarrow A é pisado por B

c. Segmentações proposicionais comutativas (v. 3a):

... segue-se uma alteração onde A reclama de B / B é reclamado por A

d. Implicações de ordem disjuntivo-conjuntivas (v. 5):

Tira o pé! Mete bronca! Leva a mão!

f. Equivalências ambíguo-parafrásticas (v. 3b):

Piou tanto alterado que um pescoço no pescoço levar ia.

Tua fenda é arreganhada.

3 Algoritmos comutativo-proposicionais

a. Comutações de alternantes contextuais:

Incidente \Leftrightarrow bate-boca, rebordosa, frege, escarcéu, azaro;

A \Leftrightarrow tipinho de pescoço e chapéu esquisito, rapaz elegante;

B \Leftrightarrow velho matusquela, senhor distinto.

b. Equivalências, paráfrases, ambigüidades:

pescoço / bolacha / goela serpentina;

botão / troço de osso / buraco que fecha;

altercação / vívido comércio verbal / papo entendido.

4 Formantes auto-significantes

a. Classes de distribuição:

B,C,D,D[~], com forte predominância da última.

b. Classes nomonominais:

ônibus, rapaz, pescoço, senhor / rapaz, senhor, pescoço.

c. Classes menores ou insignificantes:

tipinho na moda, velho pamonha, bando de palermas bestalhões.

5 Semantemas transicionais

a. Unidades coesivas:

pé na rapadura, bolacha no quengo, botão no sobretudo.

b. Unidades coesivas isoladas instintivamente:

mão boba, no que mamãe pôs talco ninguém põe a mão.

6 Morfemas

a. Contrito-constrangidos:

passa, sassa, rico, li, geiro, sapa, pé, no, sapa, to.

b. Criptoconstritores:

pede, nada, pé de cima, pau, quebra, moleque, de nada, coroço na fenda.

TROCA-TROCA

Um dia troca ao meio-dia troca na plataforma troca onde fica troca o trocador troca de um ônibus troca quase lotado troca, percebi troca um homem troca de pescoço troca comprido troca que levava troca um chapéu troca com um barbante troca em lugar troca da fita. De repente ele troca troca impropérios com o vizinho que troca, dizia ele troca, pisava-lhe os pés troca a cada troca troca de passageiros. Depois foi troca aboletar-se troca num lugar troca vago troca.

Um pouco mais tarde troca eu o revi troca frente à estação São Lázaro troca em plena troca-troca troca de impressões vestimentares trocadas troca com um trocamigo elegante.

NOMES PRÓPRIOS

Na Carolina traseira do Breda lotado, percebi Olívio palito com seu longo Modigliani e Cartola brega de Fio em vez de Fontenelle. Olívio estrilou de repente porque Pituca pisoteava Tônico e Tinoco sempre que subiam ou desciam Ubiratãs. Pepino aliás breve, porque Olívio deixou Chacrinha de lado e se escafedeu feito Flexa.

Dois bons Horácios mais tarde, vi Olívio de novo na frente de Lázaro com Cícero dando uma de Brummel. Belo conselho: que o outro fosse a José Silva para fechar Capotão.

LÍNGUA DO PÊ

Upum dipia, popor vopoltapa dopo mepeio-dipia, napa plapatapafopormapa trapasepeirapa depe upum opo-nipibupus, napão mupuitopo lopongepe dopo paparquepe Moponcepéu, vipi upum gapajopo depe pepescopoçoço copomprigidapão copom upum chapapepéu depe capafapajepestepe quepe tipinhapa upum copordapão nopo lupugapar dapa fipitapa. Depe repepepentepe, epelepe chipiou copom opo vipizipinhopo, apachapandopo quepe opo tipinhoposopo pipisavava opo sepeus pepés depe propopoposipitopo nopos sobepes epe nopos depescepes dopos papassapagepeiros. Depeixopou prapa lapa apa dipiscupussapão epe fopoi sepe jopogapar nupum lupugapar lipivrepe.

Dupuas hoporapas depepopois, depei copom epelepe nopo Papaçoço depe Ropomapa bapatependopo apa maior capaixapa copom upum apamipigopo quepe dipizipia paparapa bopotapar mapais upum bopotapão nopo sobrepetupudopo.

POUCAS-VERDADES

Meia-noite. Chove. Os ônibus passam quase vazios. No capô de um A, lá para os lados da Bastilha, um velhote descoberto e com a cabeça plantada nos ombros agradece a uma dama sentada muito longe dele por ter-lhe acariciado a mão. Depois vai se instalar ereto sobre os joelhos de um senhor bem no lugar.

Duas horas mais cedo, atrás da estação de Lião, um velhote que sem dúvida era outro tampava as orelhas para não ouvir um vagabundo se recusando a dizer que precisava descer um pouquinho mais o botão de baixo do cuecão.

MACARRÔNICO

Sol stabat in regionem zeniti et calor atmospheri magnissimo. Senatus populusque parisiensis sudebant. Omnibi passabant lotati. In uno ex supradictis omnibibus que S denominationem portabat, hominem quasi junum, cum collo multissimo elongato et cum chapito a cordicula tresata cerclato vidi, cujus insultavit alterum hominem qual proximus stabat: ficast pietinant, inquit, pedes meos post deliberationem animæ tuæ. Tunc sedem libram vidente, cucurrit la.

Sol duæ horæ in coelo habebat descido. Sancti Lazari stationem ferrocaminorum passante frentis, junum supradictum cum altero ejusdem farinæ qui arbiter elegantiarum erat et cujus consiliabulus ad propositum uno ex butonis capæ junioris scultavit vidi.

DÁ (QUASE) NA MESMA

Adia pára tudo. Ontem vinha nu frescão esse tal crê Tino como raramente Jaci viu. Se eu pesco só hímen sou esta vai-és-pau dando seu coco concha pele em volta ó! Enfio esse quesito transa do Enão atira. Subi total cipós arre clamar do vice nhoque eu estava sacana e ando. Disco são mais breve, pô se ele se iscá fedeu para sessenta arnéis tê bão! Colivre.

Dê pois, na frente desta ação, vil tipo nova mente. Caminha vá comum ame goda sua lá ia, esse cu 'tando a tento conselho-os de vez tido: "Bota um botão no teu, sobretudo".

PARA OS FRANCESES

PARÔCH FRĒSSÉZICH (NĒ PARIZYĒZICH NĒ
PAOULICHTCH MACH PÔRTOUGÔ-CARYOKCH)

É^{ou} nĕ bĕ tchign chégadouy jàna^{ou} fĕe déug meu ali-
vyàrĕe ou dôuch djign^yrouch. Ssi meuchmou dé^{ou} pr kôpráôu
gui BèRlitzy pr tomá oumàg^{ou} a dj kôkô cōu pachtèl yōu soukô
dj jaboutikouba (sic) cōu bàba di môssa kitàva xôkâtchi.
Deupoïch soubimouch nouônibouchss SS, dissèrĕeou pr
noïch kikryĕess nĕ^{ou} pag m^y passaĕej^y, y foi sik^{ou} t-i-doïch
dôlaR prou pôtô final, outàksy èrou dôbrou, tè kifoi brátou.
Lanouônibouchss i ôu Rapàz cōu pichkôssou kôpridou yōu
chpĕ^{ou} euchkizitou ôdeu oumch trĕesch soubstchitouïĕeou
atchir. Deu reupĕtchi éli kômeussô aRReuklamà kômigouy
é^{ou} pRégoutéy, deupoïch dj ôlyànou BèRlitz, “keu kèr beu-
bèr?”, mach éli kôtchinouô aRReuklamây é^{ou} diĕeu çï: “Ôti-
mou. È môu^y tou màvél d sou parteu. Vir^y kô môu^y tou gôchtou
[prazèr]”. Éli gritàv sĭ pryé^{ou}, ssouchtàdou, diĕeu: “Dichkoul-
peu. Nĕeou fal^{ou} bĕy pourtoughéçh. Nĕeou kôpryĕedou
[ĕtĕdô]. K^{ou} ĕetou è moult?” Nou kômeussô achĕ^y kiéli nĕeou
tchign ĕtĕdjidou, prouké éli fô^y ssissĕtà, mach lògouĕsséguid
ôuôtrou, ôu neugRĕ^{ou}, midé^{ou} m jô^ylyàdy ssimādô kôRRĕdu
kouà mign bô^{ou}ss. É^{ou} diĕeu, “i vossé, podeu mĕdar ôu
prôtrou-soukôrrou pr joudar meu?”, mach nÿguĕ ĕtĕdé^{ou}
nàdy é^{ou} fikĕ^y là, nou nou pôtô final, ou neugRĕ^{ou} djividjyou

a grāna cōuôtrouy flāv làprĕli bôtà ôu bôtā^{ou} nĕeou sé^y ôdji
àchou kinouchpĕ, mach nou BèRlitz nĕeou tè achRReupòcht,
là ssò djyz çï: “vossé fikô [fikĕ^y] nou màtou çĕ kàxôRRou”.

TROCADILHOS

Dei o mia, prol a sumo. Na flataporma daquesse ele ia um rapa rego de piscoço de peru, dês mesurado, e uma fichinha no tapéu chequevava. Ímbito suterpelou o achi-nho, vizando quejocu o o proposinhava de espésito ao desbirem ou sucerem pastros ousageiros. Rabandonou apidamente o arrã carrabo e foi se emboletar a um vagar luzio.

Um har de poras dê pois, o pitinho zã zava pricama e pro baixa tá no esguão da sacação Lazão Saro, cufichando como um quelega codiz ia: "Põe uais mm bonotão e tu sorbe tudo".

BOTÂNICO

Depois de ficar um tempão esperando ali plantado como um pé de couve na estufa, consegui me enxertar numa abóbora que ia voltando para a horta, lotada às pencas. Já tinha lá criado raízes um aipim deste tamanho!, com a copa amarrada por um broto de cipó. O pepino começou quando o banana em questão resolveu descascar umas abobrinhas contra o maracujá-esquecido-na-gaveta ao lado que, segundo seu coco pouco adubado, fincava-lhe batatas nos canteiros apenas para deixá-los mais vermelhos que pitanga. Uma salada completa, mas antes que a vaca tussisse a sério o tal aspargo cortou o abacaxi pela raiz, com medo de levar uma castanha nos bagos, e lançou os galhos em busca de nova chacinha.

Mais tarde, revi-o estacado defronte à Estufa dos Capiaus. Uma cana-caiana enterrava sua pretensão de viço com uma observação melosa e infrutífera: "para dar mais tronco, semeie outro grão-de-bico entre a corola e o pistilo".

MEDICINAL

Devido a uma sessão forçada de helioterapia, temi ser posto em quarentena, mas terminei sendo admitido numa ambulância que apresentava uma assustadora taxa de entrevados, onde diagnostiquei imediatamente um gastrálgico com sintomas de gigantismo obsessivo, padecendo de distensão traqueal e reumatismo deformante da tira do chapéu. Tal cretino teve um súbito acesso histérico, pois um cacocúmico estava espremendo seu tilo, ocasionando-lhe turgescência e irritação; após ter dado vazão a sua bile, isolou-se para assentar suas convulsões.

Mais tarde, frente a um lazareto, revi-o em consulta com um charlatão a propósito de um furúnculo deslocado em seu *plexus*.

GASTRONÔMICO

Já com os miolos cozidos sob um sol de esturricar, acabei num forno que fervilhava de bagrinhos, como vermes em queijo de muita cura. Naquele pirex, ia afundado em banho-maria um pescoço depenado e sem recheio com uma panqueca na moranga, amarrada com fio de manteiga. O vitelo desbocado causou grande destempero porque um tampinha azedo estava fazendo paçoca dos seus pés de moleque, sem a menor colher de chá. No meio do cuscuz, largou a bananosa, apimentada demais a seu gosto e, para não tomar umas bolachas na receita, foi esfriar a massa numa fôrma dando sopa por ali.

Eu vinha ruminando calmamente de volta quando, na cantina São Lázaro, dei com as costeletas no mesmo maria-mole, que se derretia na maior ferveção com um pastel amigo mas, para quem não tem o coco ralado, a marmelada deste último era mais do que clara: fria e descozida.

ZOOLÓGICO

Dentro da gaiola que, na hora da onça beber água, levava o rebanho ao Campeto, notei um cervo com pescoço de avestruz que levava nos cornos um tatu rodeado por uma centopéia. De repente, a vaca foi para o brejo. O giráfideo virou bicho, soltando os cachorros para cima de um pau-de-arara que peruava por ali e lhe dava nos cascos mas, antes que o bicudo sacudisse suas plumas, o galinho fechou o bico e fugiu da rinha, esvoaçando feito barata tonta para um poleiro largado às moscas.

Mais tarde, dei com os burros no Zoológico e revi-o no maior sassarico, soltando a franga com outro empavoadado. Cacarejavam sobre penas na maior galinhagem.

INJURIOSO

Depois de uma espera horrenda sob um sol ignóbil, terminei subindo num ônibus imundo onde se espremia um bando de babacas infectos. O mais babaca desses babacas era um espinhento de goela espichada exibindo um chapéu grotesco com uma cordinha fresca no lugar da fita. Esse descarado sem-vergonha cismou de esgoelar só porque um panaca pé-na-cova pisoteava-lhe as patas melindrosas com furor senil; mas, como um bom bola-murcha, o miserável desclassificado não tardou a escafeder-se rumo a um lugar ainda úmido do rabo anterior.

Duas horas depois, cúmulo do azar, dou com o mesmo indefectível babaca perorando com outro babaca da mesma laia defronte ao cagalhão São Lázaro — nome muito apropriado. Zoavam por ali à toa, é claro, arreliando outros despreparados, e ainda diziam potocas a respeito de uma inutilidade de botão. Pensei lá comigo: “que este babaca encardido ponha seu furúnculo mais para cima ou mais para baixo não vai mudar estritamente nada em sua feiúra”.

IMPOTENTE

Como explicar a impressão produzida pelo contato de dúzias de corpos espremidos num ônibus sob a canícula do meio-dia? Como exprimir a impressão deixada por um personagem de inefável pescoço, levando um chapéu cuja fita fora substituída por sabe-se lá o quê, um pedaço de barbante talvez? Como transmitir sua impressionante expressão durante uma rusga despropositada, durante a qual lançava injúrias sem nome a um viajante indefinido, alegando obscuros motivos? Como traduzir a fuga do inenarrável desordeiro, que tentava mascarar sua covardia indescritível sob a esfarrapada desculpa de ir-se aboletar, sem razão aparente, num lugar qualquer?

Como formular a surpresa muda que me causou a re-paração imprevista, incontáveis horas depois, do duvidoso personagem frente a local outro tanto, ouvindo uma conversa mole sobre um assunto irreproduzível e que talvez ocultasse obscuros desígnios?

PÓS-TUDO

A bordo de certo paratodos, um dia no auge da zenital acídia, espetei a pequena farsa a seguir. Um rapazote, afligido por infilmável pescoço, seu único particular dote, levava, para compensar, um galão redondado pelo coco mole (estilo pós-visto que invade a mídia malgrado minha crítica radical). Postextando o excesso de entropia em seu torno, interpelou arrogante o vizinho, em tropo fisicamente justo mas retoricamente falácil, penipulado para mascarar sua poltritude e consistindo em acusar o entornante de expossamente despozar a segunda lei da termodinâmica, expozinando com sistema e método seus lustrosos pisantes ao sabor das vagas sucessivas de transeuntes introcáveis. Tal pústula engomada, mal tendo e tendo mal expostulado, subtraiu-se ao troco verbal que fatalmente reciprocava seu retrocessivo exórdio e procurou a esmo um núcleo aleatório onde atomizar seu assento em tarda e sisuda extudez pós-tudo.

Discretas revoluções transcorreram antes que minha falofalaz matriz, transportada em transverso senso da urbe, percebesse novo estímulo ficcionante, ao transver o inenarrável mutante narrativado ao longo deste textículo. Ele transviava então, frenético tal espinado elétron, em torno de uma acumulação crítica de relógios desviados de seus crônicos fins para, em agônico repto, expor a inexorável banalidade dos temporais construtos ao espanto agórico; órbita afim seguia aleatoriamente outro divo de sua laia, e aproveitavam para expor paralelas manhas sobre como performar um botão em alta e, caso sobre, pôr tudo.

PROBABILISTA

Contatos de primeiro grau são de tal forma numerosos entre os habitantes da megalópole que não devem causar surpresa as possíveis fricções oriundas, de caráter em geral geral e sem gravidade.

Um desses encontros desprovidos de amenidade, estatisticamente recorrentes no entorno dos veículos destinados aos transportes em comum, e especialmente freqüentes nos coletivos da região parisiense trafegando intensamente nas faixas horárias de tráfego intensivo, foi recentemente dado a público sob a forma de um evento discreto particularmente indiscreto, a bordo de um S e, mais precisamente, na sua plataforma traseira. Um relato que explicitasse a natureza ínfima do incidente em questão faria provavelmente injustiça ao pescoço improvável envolvido, assim como ao aspecto insignificativo da módica trança que vinha amarrando seu espectro.

Duas horas mais tarde, uma ocorrência altamente improbabilística determinou a audição de um conselho aleatório, cujo sentido manifesto fazia apelo a um negligenciável botão.

As chances para um terceiro encontro eram, por assim dizer, nulas, razão pela qual ponderou-se útil fechar o relato desses eventos frictivos, cuja significância ultrapassa a explícita razão, de maneira concorde às ponderadas leis da ponderabilidade socialmente transportada.

RETRATO

O estil é um bípede afetado de longo pescoço, que circula pelos ônibus da linha S em torno do meio-dia. Seu nicho preferido é a plataforma traseira, onde se instala, desconfiado e ranhento, com a cachola coberta por uma crista envolta por uma excrescência da espessura de um dedo, semelhante a um pedaço de corda. Seu humor agressivo leva-o a atacar sem hesitação os mais fracos mas, se encontra resistência, pestaneja e foge para o interior da toca, onde finge de morto.

Durante a muda, é visto esporadicamente na zona de estivação de São Lázaro, ainda carregando sua antiga pele de proteção hibernal, agora com fendas maiores para facilitar a aeração do corpo; tais fendas podem ser remediadas por intermédio de próteses bem aplicadas, mas o estil não consegue intuí-las a partir de sua própria experiência, e deve ser guiado por outro bípede, de espécie aparentada, em seus exercícios práticos.

A estilografia é um capítulo da zoologia teórica e dedutiva, e pode ser cultivada em todas as estações.

GEOMÉTRICO

Em um paralelepípedo retângulo que postularemos transportante, deslocando-se num plano euclidiano segundo a função retilínea $84x + S = y$, um homóide A, definido

por um segmento cilíndrico de seção $1) \sum_{i=0}^n li$, onde li

indexa a média pescocínea da população homóide dada; e limitado superiormente por uma calota esférica, de forma $ch + (in)f = fi \cdot 0^\infty$, contida entre duas senóides de função irrelevante, de maneira que o raio $r = \tan \partial$ esteja a uma distância hiperbólica $K\partial$, quando ∂ integra a função $(1 - ch^2)^{-1}$ de 0 até n , onde n exprime o número de vizinhos,

ou seja: $\partial = \int_0^n \frac{\partial ch}{1 - ch^2}$.

Sabendo-se ainda que todos os círculos definidos pela somatória homóide transportada no paralelepípedo retângulo são ortogonais ao círculo dado, e que representam todos os planos perpendiculares ao plano w , projetivo do homóide A, e portanto as seções w de todos os planos, definidas linearmente na intersecção com o plano hiperbólico w , mostrar que o ultraparalelismo de w , definindo o campo do homóide A, e de α , definindo o campo do homóide vizinho B, em face da relação geral de tangência invertida segundo a fórmula $\tan 1/2 (II) (\partial) = pe^{-\partial}$, onde ∂ exprime a distância entre A e B, imposta pela calota esférica, gera contraditoriamente uma cossecância radical, trigonometri-

camente deduzida no plano euclidiano, de maneira que o modelo criado não é nem elíptico, nem hiperbólico, mas conflituoso ou catastroficamente complacente. Determinar em seguida a importância da catástrofe produzida pela hipérbole irrelevante de A na equação elíptica de B e a topologia do impacto secante produzido sobre a função de apoio de A na intersecção linear do plano w .

Consideremos, agora, o encontro aleatório do homóide A com um homóide homólogo C, gerando o seguinte postulado de C sobre A, a propósito de sua equação tautológica de abrigo λ : "Em particular, sendo um plano paralelo a λ , no sentido euclidiano, uma esfera cujo ponto de contato com λ é o limite superior da fenda, estamos em presença de uma horosfera. Além do mais, esta representação da horosfera integral, contribuindo para a integridade global do plano, é isométrica ou fiável, no sentido em que raios semelhantes da horosfera, medidos segundo os horociclos, demandam segmentos iguais de linha euclidiana para serem cosidos no plano λ . Ou seja, na linguagem da geometria diferencial, a horosfera é uma superfície transportável — isto é, desde que a superfície da curva de Brummel-Gauss, tendendo a zero, valha significativamente um botão". Determinar, agora, a nova topologia da fenda alterada segundo o postulado de C agindo sobre A, em função da mínima razão conjunta $r(A + C) \rightarrow 0$.

SERTANEJO

Nonada. Ônibus que o senhor viu foi a gosto não, Deus esteja. Povo prascóvio. Têm de morar longe daqui, na Contrescarpa, Campo Retado, custante viagem e ainda vão fuzuando nas piores esfregas e com ânsias de se travarem com os viventes — em endemoninhamento ou com encosto. De primeiro, ali na plataforma, eu fazia e mexia, e pensar não pensava. Mas o diabo vige dentro do homem, e logo a cachorrada em volta pegou a latir. Causa dum bezerro: um bezerro branco, erroso, os olhos de nem ser — se viu — ; com vastidão de pescoço e chapéu de cordão. Agora, o senhor já viu uma estranhez? Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: cordão ou cordões, é questão de opiniões...

Do demo? Não glosa. Pois não é ditado: — ônibus — “trem do diabo”? Mal haja-me! Sofro pena de contar não. O senhor entenda: o tal moço quis mangar. A gente escutou um chorinho, atrás, e uma vizinha avisando azangada: “O senhor arrepare! Pés meus não são encosto de sua botina!”, que ele dizia ao compadre Quelemém. Eh, o senhor já viu, por ver, a feiúra de ódio franzido, carantonho, nas faces duma cobra cascavel? Mas compadre meu Quelemém reprovou tanta reprimenda. E, ora veja: a mandioca-brava também é que às vezes pode ficar mansa, a esmo. Ralho do compadre, também, abranda. Se sabe? O tal moço arrepiou caminho, e foi se estar jazendo em fundo de um banco, o diabo dentro dele dormindo.

Na volta, fiquei pensando. Gosto. Melhor, para a idéia se bem abrir, é viajando em ônibus. Hem? Hem? Mire veja:

ali, na frente da estação, tem um sujeito que é o mesmo de toda-hora. Não me assente o senhor por beócio. O que mais vejo, testo e explico: todo mundo é louco. Pois essezinho está com um compadre que alumia o entendimento dele, feito mostrando o que é: capote sem préstimo por carência de botão. Como é de são efeito, ajudo com meu querer acreditar. Mas nem sempre posso. Sou só um sertanejo, nessas altas idéias navego mal... Eh pois, empós, o resto o senhor prove: vem o são, vem a mão, vem o cão, vem o botão.

Nonada. O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é ônibus. E botão. Travessia.

INTERJEIÇÕES

Psiu! hã! ôi! ô! oba! ei! Oh! Hum! ai! ah! ufa! olha!
puxa! vixe! hum! pô! bá! ui! ugh! pá! buá! hein! tchã! tchê!
hã! xi! pif! paf! pof! pô!

Toma! ufa! oh! hum! bem! ai! ah! aí! bom!

PRECIOSO

Abordávamos estival meio-dia. O sol reinava em todo seu esplendor sobre o horizonte de múltiplas tetas. O asfalto palpitava suave, exalando o tenro olor de pixe que sugere aos terminosos doentes talmente idéias, pueris e corrosivas, sobre a origem do mal. Um ônibus, cujo signo distintivo ocorria ser um heráldico S, pleno de enigmas, e coberto por alviverde brasão, viera recolher, nos arredores do parque Moncéu, um pequeno lote de candidatos seletos ao transporte, resgatando-os do mórbido solo aos úmidos confins da deliquescência sudorípara. Na plataforma traseira de tal obra-prima infantada por nossa hodierna indústria automobilística, comprimiram-se os baldeados como enlatados arenques; lá se ia, em seu seio, conspícuo biltre de órgão fonador serpentino, cuja trintena aproximava-se à sorrelfa e, não obstante, manifestava sua crônica anacronia por meio de um chapéu cernido de artesanal cordeleta, inconvenicional cobertura à sua cabeça, decerto mais vaga que os bugrescos confins, e grácil tal cúbica tela tinta por gênio desconstrutivo, que súbito inflou-se em verbal excursão, onde soavam notas amargas como eflúvio de boldo e ácidas como a injúria de um púbico senescente cujo traseiro é beliscado em mijad'oiro público e, por extraordinário desvezo, desaprova tal política e não come da mesma farinha, acusando um fenômeno de repetidas colisões, ao qual imputava como origem o vetusto cotransportado que se lhe avizinhava, de mui honorável viso e marcante presença mas que, cria, de tal sorte agia impellido por inconfessos desíg-

nios. O nefando púbere, lestantemente percebendo que alçava-se de consoante maneira o desacetado ânimo em inefável antipatia, e temendo o previsível desenlace físico que teria como palco seu serpentino órgão, para prejuízo certo deste último, logrou agílida e solerte retirada com inegável talento e acomodou suas ameaçadas partes em lenho providencial.

Em último momento, tendo já o sol descido vários degraus na majestosa escadaria do seu pouso cerúleo e sendo eu, áltera vez, circulado em contrário sentido a bordo de outro coletivo de idêntico jaez e percurso, retive à vista o personagem dantes descrito, movendo-se de peripatético modo pelas inóspitas paragens do Paço de Roma, acompanhado em sua errância por outro indivíduo *ejusdem farinae* que lhe administrava, ignorante ao sítio e à industriosa circulação, destoante conselho de uma elegância à somenos altura de um botão.

INESPERADO

Os companheiros estavam sentados à mesa do café de Flore quando Albert se reuniu a eles. René, Robert, Adolphe, Georges e Théodore se entretinham cordialmente.

— E então, como vão as coisas? — perguntou Robert, saudando o recém-chegado.

— Vão indo — respondeu Albert.

Chamou o garção.

— Para mim, um *picon* — disse, para espanto de René, que não suportava o amargor do aperitivo pedido.

— De amargo, basta a vida — refletiu René em voz alta.

Adolphe interveio na conversação:

— Então, Albert, o que há de novo?

— Nada de mais.

— O dia está esplêndido — observou Robert.

— Um pouco frio — replicou Adolphe.

— Ah, estou me lembrando de uma coisa engraçada que vi hoje — exclamou Albert.

— Já eu acho que está quente — foi a tréplica de Robert.

— O quê? — perguntou René.

— No ônibus, indo almoçar — respondeu Albert.

— Que ônibus? — perguntou René.

— O Esse.

— O que foi que você viu? — indagou Robert.

— Passaram pelo menos três antes que eu conseguisse meter lá dentro meus pés.

— A essa hora, não é nada extraordinário — comentou Adolphe.

— Então, o que foi que você viu? — René voltou a perguntar.

— Estávamos apertados — disse Albert.

— Bela ocasião para beliscar uns traseiros.

— Bá! — exclamou Albert. — Não se trata disso.

— Então conte.

— Ia a meu lado um tipo esquisito.

— Como assim? — perguntou René.

— Grande, magro, com um pescoço esquisito.

— Como assim? — perguntou René.

— Como se tivesse sido esticado.

— Uma elongação — observou Georges, sempre preciso.

— E o chapéu, então: muito esquisito.

— Como assim? — perguntou René.

— Sem fita, com um fio trançado em volta.

— Curioso — disse Robert.

— Além disso — continuou Albert —, rabugento.

— Quem? — perguntou René.

— O tal sujeito, é claro! Quem você queria que fosse? O chapéu?!... — retrucou Albert, truculento. René não deu por isso.

— ... E logo se pôs a esbravejar com o vizinho — Albert retomara o relato.

— Por quê? — perguntou René.

— Achava que o outro estava pisando nos seus pés.

— De propósito? — surpreendeu-se Robert.

— Depropósito — constatou Albert.

— E daí?

— Daí? Foi simplesmente sentar-se.

— E daí? — perguntou René.

— O mais curioso foi duas horas depois.

— Por quê? — perguntou René.

— Dei com o cara de novo.

— Onde? — perguntou René.

— Defronte à estação São Lázaro.

— Como foi dar com os costados por ali?

— Sei lá — disse Albert. Só sei que estava caminhando para cima e para baixo com um companheiro que salientava em sua intenção o fato de que o botão de seu sobretudo se encontrava um pouco abaixo do devido lugar.

— Trata-se com efeito do conselho que lhe dava — disse Théodore.

AGORA QUE VOCÊS JÁ LERAM

Luiz Rezende

Não é o caso de proclamá-lo desde já um clássico, desses que a gente mostra aos netinhos, já que, dizem, ele toma ônibus.

Jean Queval

Para a redação dos *Exercícios*, Queneau recorreu a todos os domínios por onde vagabundeava sua curiosidade. De modo geral, a leitura não demanda maiores explicações. É fácil, por exemplo, captar os efeitos que busca o autor quando põe em cena tipos sociais; significativamente, entre a primeira redação e as posteriores cerzidas de texto, alguns destes caíram fora, como o “Reacionário” e o “Feminino”, os únicos a mencionar as senhas nas filas de espera e outras indicações sobre a prática arte de pegar ônibus. Foram substituídos por artifícios lógico-matemáticos que correspondiam melhor ao estilo do autor. Decifrá-los, dizem, é brincadeira de criança, mas como nós, adultos, muitas vezes já perdemos a paciência necessária, dou aqui algumas dicas de leitura.

Vejamos as “Permutações de grupos crescentes de letras ou palavras”: “Um dia, por volta do meio-dia, na plataforma traseira de um ônibus...” Vamos dividir o texto em grupos de cinco letras: 1)umdia, 2)porvo, 3)ltado, 4)meiod, 5)ia-
nap, 6)lataf, 7)ormat, 8)rasei, etc. Agora invertemos: 2 1 4 3

6 5 8 7... A ordem de grandeza dos grupos aumenta a cada frase.

O "Lipograma": antes de ser incorporado pelos oulipianos (membros do *Ouvroir de Littérature Potentielle*, ou "Ateliê de Literatura Potencial", grupo fundado por Queneau em 1960, e que incluía, entre outros, Italo Calvino e Georges Perec) o lipograma já fizera as delícias dos retores alexandrinos. Quem sabe grego talvez perceba de cara que trata-se de deixar cair uma letra, sem nada a ver com uma nova fórmula milagrosa de emagrecimento... senão texticular: fica artificial escrever com uma vogal a menos mas, já que é assim, escrevamos logo cinco versões, cada uma enxuta de uma vogal — foi o que fez Eco, tradutor dos *Exercícios* para o italiano, e resolvi ir na sua cola, achando válido o argumento de base: radicalizar seus efeitos é a melhor, e talvez única, fidelidade a tal sucessão de jogos de linguagem.

Queneau também adorava metaplasmas, conjunto de operações que afetam fonemas e grafemas de uma palavra, no caso das "Apócopes" e "Aféreses" por supressão. Um leitor atento talvez perceba que basta somar os pedaços de umas e outras para restituir o texto. Eu tomei um *ônibus lotado*... A ordem de leitura facilita o deslinde comum; sem a referência das apócopes, seria virtualmente impossível decifrar as aféreses. É interessante notar que apócopes e aféreses são recursos espontâneos na passagem do latim às línguas neo-latinas.

Às vezes trata-se de adicionar uma sílaba ou letra, em princípio sem alterar o sentido da palavra, em posição inicial — *prótese*, como o conhecido *Rrose Sélavy* (*Ávida e Rosa*), de Robert Desnos; intercalar — *epêntese*; ou final — *paragoge*. A datilografia é a grande amiga de outra figura, a *metátese*, que consiste na inversão de sílabas ou letras no

interior da palavra. Trata-se de um fenômeno usual, seja na evolução histórica das palavras, seja na linguagem popular, como no caso de *pobrema* e *estrupe*. Mais semanticamente marcado do que a metátese, o *anagrama* consiste num rearranjo fonêmico muito empregado para salientar "as palavras (dormindo) nas palavras", segundo a fórmula saussuriana, ou o parentesco de significantes distintos.

As "Síncopes", correspondendo à elisão de uma vogal átona, como no caso do *e* caduco na prosódia francesa ou lusitana, pode ser exemplificada com dois alexandrinos do próprio Queneau: "*Mais je crains pas tellment ce lugubre imbécile / qui viendra me cueillir au bout de son curdent*" (Não tenho medo não do lúgubre imbecil / que virá me picar na ponta do palito). Nosso malemolente sotaque tupiniquim emprega sistematicamente as síncopes *pra*, *pruma*, *cum*, *dum*, *duma* ou o *r* final dos verbos mas, à parte esses casos, palatalizações como em *d(j)ia* e *t(x)ia*, ou ainda os *i* e *u* finais bem arrastados, indicam antes uma prosódia do excesso que um princípio de síncope, de maneira que, traduzidas, nossas "Síncopes" tenham ganho um ar meia-tinta, mistura de capiau e português de botequim, difícil de evitar... Atingimos aqui um certo índice de intradutibilidade que reaparecerá com mais força em vários outros exercícios. As supressões assinaladas, talvez valha a pena insistir, são formas privilegiadas de inflexão dialetal. Para maiores detalhes sobre essas figuras, recomendo vivamente o *Dicionário de Poética* de Michèle Aquien.

A regularidade prosódica do francês, sistematicamente acentuado no final de cada grupo sintático e com suas sílabas finais átonas não pronunciadas, eliminando quase todo traço oral de gênero e número, permite jogos de linguagem praticamente impossíveis em outros idiomas.

Dois enunciados distintos e relativamente complexos podem possuir rigorosamente o mesmo encadeamento fônico, e esta propriedade permite o mais típico gênero francês, conhecido na Renascença como *equivoco* e rebatizado de *calembour* pelo marquês de Bièvre, um grande compilador do lúdico período das Luzes, em homenagem ao abade de Calemborg, herói popular da tradição medieval germânica. Todos os dicionários citam “un effet de l’art” e “un nez fait de lard”, respectivamente *um efeito da arte* e *um nariz de toucinho* mas, sem a calembúrica homofonia, não tem graça nenhuma. Queneau exerce moderadamente seu talento calembúrico em um exercício “Homofônico”, inicialmente chamado em francês “É quase isso”, e aqui “Dá (quase) na mesma”. À parte a modesta paraфония que veio substituir a homofonia do exercício original, este ignora uma regra de ouro do *calembour*: um texto em aparência anódino remetendo a um duplo sentido.

Um gênero mais clássico é o dos *Bouts Rimés* — “Finais Rimados” — que o poeta Dulot inventou em meados do século XVII como uma matriz de futuros sonetos. Trata-se de construir versos a partir de rimas impostas numa ordem fixa pela audiência. Os termos escolhidos devem possuir a menor conexão lógica possível para aumentar o efeito de surpresa do poema final. Como vêem, algo semelhante aos desafios de nossos repentistas — La Fontaine e Furetière brigaram usando finais rimados. Queneau fornece uma versão prosaica do exercício com suas “Homoteleutas”, palavras terminando da mesma maneira. Tônica variável, gênero e número marcados impuseram uma forma portuguesa de “Parateleutas”. As “Parequeses” metem igualmente sob tensão a maleabilidade da palavra, mas trata-se de uma figura rara, que consiste na repetição rítmica de um fonema

chegando a criar, como aqui, uma sensação obsedante de ladainha; a notar que o fonema retido por Queneau, “bu” [by], organiza o efeito em torno do sintagma central “bus” — suficiente, em francês corrente, para designar o paratodos; em português, mais uma vez, a variação acentual impediu o mesmo procedimento.

O Panúrgio de Rabelais já mostrava que uma simples anti-estrofe separa *femme folle à la messe* e *femme molle à la fesse*. A tradução *mulher maluca na missa* e *mulher de traseiro mole* é literalmente enganosa, pois não dá conta da inversão entre *f* e *m* que produz o duplo sentido. Considera-se em geral que o personagem de Rabelais estava criando então um gênero que se tornaria popularíssimo sob a denominação, cunhada no século XVIII por Etienne Tabourot num tratado sobre os jogos verbais, de *contrepèterie*, literalmente a contrapeidação, nome meio vulgar, mas que deixa claro o espírito geral da coisa. Victor Hugo, que considerava o *calembour* “a titica do alado espírito”, ficaria ainda mais horrorizado com a *contrepèterie*. O *contrapeido* parece nosso popular *trocadilho*, mas não é: trata-se de uma arte que na França se cultivava em família, de pai a filho. O chique do contrapeido é seu ar de nada, mascarando a sem-vergonhice sob a mais anódina aparência. Abusar do contrapeido acaba virando vício. O contrapeidador inveterado descodifica e recodifica todo e qualquer discurso. Queneau, sem dúvida handicapado por suas origens pequeno-burguesas, não o tinha no sangue, de maneira que seu exercício se contenta em troca-trocar as primeiras sílabas de palavras contíguas. Meu “Trocadilho” traduzido também não é dos mais felizes. “Meio-dia, sol a prumo. Na plataforma daquele S ia um raparigo de pescoço de peru, desmesurado...” Assim o texto fica anódino como um bom contrapeido, mas falta o talen-

to... Como diz Queneau em seu diário, “não se deve desprezar os *calembours*. Desassossegam farisaísmo e pretensão”.

As figuras de discurso também estão representadas nos *Exercícios*. Além das formas poéticas fixas que podemos encontrar aqui e ali, há outras, retóricas, menos conhecidas, como os “Poliptotos”, consistindo no emprego, em grupos frásicos discretos, de várias formas gramaticais da mesma palavra; trata-se portanto de um caso particular da “Repetição”, outra figura retórica. A “Sínquise”, como dá para desconfiar, embaralha os termos do discurso.

Ao lado das “odorantes flores retóricas”, Queneau pratica exercícios como a “Translação”, que no início imaginei ser uma tradução macarrônica, mas consiste em substituir cada palavra de um texto dado pela sétima seguinte no dicionário — usei o *Aurélio*. O “Pai-dos-burros”, cujo nome em francês — “Definicional” — é mais neutro e menos evidente, consiste em substituir cada palavra por sua definição dicionarizada. Se no caso da “Translação” é claro que *nem* todas as palavras serão substituídas — é preciso guardar pronomes e conectivos para dar cara de escrita —, o “Pai-dos-burros” apresenta por seu lado um limite “definicional”, caso contrário o jogo substitutivo se torna infinito. Em outros exercícios menos marcadamente oulipianos, como “Em Duplicata”, germina a mesma tendência.

Em Saint-Germain-des-Prés, a filosofia da moda nos anos quarenta era o existencialismo. Ficará evidente para todos que exercícios como “Filosófico” ou “Pós-tudo” se aproximam de nós, histórica e geograficamente. O mesmo poderia ser dito de “Gramática transformativa” ou de “Geométrico”, igualmente atualizados. O espírito adaptativo prevalece ainda em “Para os franceses”, inspirado por um exercício de sotaque inglês; o método utilizado foi uma

transcrição fonética em alfabeto da Berlitz, e o resultado deverá surpreender os que imaginam que em português se escreve como se fala. “Para os franceses (nem parisienses nem paulistas, mas portugo-cariocas)”:

Eu nem bem tinha chegado e já na alfândega me aliviaram duns dinheiros. Assim mesmo deu prá comprá um guia Berlitz e prá tomá um'água di coco cum pastel e um suco de jabuticuba (sic) cum baba de moça qui tava chocante. Depois subimos nuônibus S, disseram prá nós que criança não paga meia passagem, e foi cinqüenta e dois dólar pru ponto final, o taxi era o dobro, até qui foi barato. Lá no ônibus S ia um rapaz cum piscoço comprido ium chapéu esquisito onde umas tranças substituíam a tira. De repente, ele começou a reclamá comigo ieu perguntei, depois de olhá nu Berlitz, “que quer beber?”, mas ele continuou a reclamá ieu disse assim: “Ótimo. é muito amável de sua parte. Virei com muito gosto [prazer]”. Ele gritava sempre ieu, assustado, disse: “Disculpe. não falo muito bem português. Não compreendo [entendo]. Quanto é a multa?”

Bom, agora que vocês já estão treinados, podem (re)ler o resto da história sozinhos.

Ao lado dos jogos retóricos e formais, os *Exercícios* empregam também doses cômicas de paródia e pastiche literário, que tentei restituir com as armas de nossos plumitivos; no “Sertanejo”, por exemplo, lembrei-me de tantos resultados desastrosos nas tentativas caipirizantes, de Balzac a Oswald, e fiz uma colagem “nonadizante” para evitar o ridículo.

Desvios e empréstimos abusivos, pelo menos quanto ao espírito brincalhão que os anima, são uma natureza primeira de Queneau. Victor Hugo, por exemplo, “*c'était l'heure tranquille où les lions vont boire*”, talqualmente usada no exercício “Zoológico”, parodiada por Zazi, que vai molecar

no museu “à hora tranqüila em que os vigias vão beber”. Tradutores e críticos de Queneau estabeleceram extensos glossários de citações e empréstimos mas, para manter o espírito da coisa, julguei preferível, como disse no início, lançar mão da matéria escrita nacional.

Uma explicação é às vezes necessária. “Ocorrência”, por exemplo, com seu tom policialesco, sai de um “Interrogatório” mais burocrático, que o leitor desavisado não identificaria com plantão de delegacia; mas é assim mesmo: o espaço cultural francês está circunscrito por uma certa indiferença fria e polida que, se não é burocrática, ao menos possui todas as aparências; o fenômeno vai se agravando porque Paris tem sido esvaziada de povo, virando uma espécie de Brasília com um setor de negócios, e na França, extremamente centralizada, tudo passa por ali. Esse burocratismo se exprime em fundo jargonante pretensamente técnico onde todos vão buscar palavras avulsas para seus chavões, do colarinho branco ao policial, passando pelo encanador. A ocorrência tem uma espécie de contrapartida no “Papo de Botequim”, inicialmente criado como uma alternativa “realista” ao diálogo final, “Inesperado”. Traduzido direitinho, ele ficou com um jeitão de *Sabrina*. Acabei cedendo à tentação de traduzi-lo em bandidês... Mas o que vocês querem? Inserir exercícios de própria lavra é o peccadilho do tradutor de Queneau.¹

Ao lado das referências climáticas e geográficas — mas Queneau não se exercitou com elas —, comes, bebes, plantas

¹ Eco, por exemplo, faz do “Desajeitado” um operário, gochista autodidata, deitando sua falação enrolada numa assembléia da Fiat, até que o pessoal “sério”, com pressa de deliberar, põe o pobre para fora da tribuna; Barbara Wright, a respeitada tradutora inglesa, substituiu um dos jargões populares por uma ópera *cockney* no melhor estilo dos folhetins de rádio.

e bichos constituem os mais imediatos fundos expressivos. Arrolando o que tinha à disposição, resolvi ceder ao peccadilho mencionado acima, e o resultado, além dos exercícios propriamente transpostos, vocês encontrarão ao final, em anexo. Para quem não gosta de estereótipo e tem engulho com falatório politicamente incorreto, é um prato cheio... ou meia-dúzia.

Ainda com respeito a adaptações, é claro que os “Galicismos” inexistem na edição francesa, onde constam os previsíveis “Anglicismos”; a adaptação era lógica. Outras ocorreram, como em “Fantasmático”. Para dar graça à coisa, valia a pena saber que o parque Monceau pertencia, como tudo em volta, ao duque de Orleães, príncipe do sangue Bourbon, primo de Luís XVI, cuja degola teve o mau gosto de votar, na sua condição de deputado revolucionário, dizem as más línguas que para abrir caminho à Coroa, a gente nunca vai saber porque em seguida perdeu a própria cabeça na guilhotina... Mas o que interessa, aqui, é o parque Moncéu, desenhado, quando loteou suas terras no finalzinho do Antigo Regime, com uma série de “fábricas” no gosto da época, uma pirâmide egípcia aqui, um pagode ali, uma ninféia e um quiosque de amor acolá. Como o parque ainda existe, e boa parte das fábricas também, e a parada do “S de sinuoso trajeto” fica bem na porta, o exercício tem sua carga de fantasia e fantasma consideravelmente ampliada.

Outras adaptações eram naturais, a meu ver, como em “Filosófico” ou “Geométrico”; com efeito, que graça teria parodiar hoje um jargão existencialista? Penso que, da mesma forma que para os pastiches literários nacionalizados, a atualização paródica dos jargões científicos e filosóficos refresca o interesse do conjunto.

Jogos e brincadeiras infantis também são amplamente explorados por Queneau. Alguns deles, como a *Língua do Pê*, existem em ambos idiomas. Uma sorte que não se reencontra em jargões adultos. Queneau faz uso de vários: um calão de açougueiro, outro dos malandros ditos “apaches” da Bastilha dos anos 20, que falavam javanês; infelizmente, só disponho de uma referência de brasileiro falando javanês, mas foi num livro e já morreu. Em outros casos, a orgulhosa Europa é forçada a se curvar ante o gênio nacional, como para as *Palavras-valise*, domínio em que temos sido muitos fortes, do simbolismo ao concretismo.

No caso dos tempos verbais, as estruturas do francês e do português diferem profundamente. Nosso passado composto, por exemplo, indica duração ou repetição, do passado próximo até ao presente; nosso presente simples implica estabilidade, enquanto o presente do aqui e agora é sempre composto; o futuro é sempre próximo; o subjuntivo passado, em francês marca regional ou de gente que exagera e fala bonitinho demais, é devidamente conjugado pelo mais bronco de nossos patrícios; sem falar em fenômenos curiosos, como o emprego usual de “ficar” para exprimir mudança de estado (“ficar furioso”). Além disso, a articulação dos tempos verbais, em francês, distribui naturalmente as cartas narrativas. Todo mundo sabe, desde o colégio, que o passado simples, inexistente na língua diária, deve ser empregado no relato escrito de uma ação passada. Ora, como ele nunca é falado, quase ninguém sabe conjugá-lo, e assim paira um temor constante de usar a terminação errada e cair no ridículo. Queneau brinca constantemente com isso e muitas vezes, ao longo de um texto, propõe duas ou mais versões diferentes de uma flexão verbal. Não disponho de marcas discursivas logicamente distribuídas pelos tempos verbais,

como em francês, a opção foi de explorar internamente seu funcionamento.

Outro registro dificilmente traduzível é a “Litote”, dizer o mais pelo menos: marca registrada do espírito francês, essa figura poética possui certa analogia com o *understatement* inglês — mas este implica também um tipo específico de humor, *pince-sans-rire* em francês; “belisca-sem-rir” desvia o sentido ao magnificar o contraste: uma *hipérbole*, justamente, a grande figura nacional. Para o brasileiro, tudo o que é próprio é grande.

O “Desajeitado”, acumulando chavões, repetindo fórmulas feitas e insistindo nisso tudo, representa em chave cômica o mesmo princípio de repetição que, na ladainha, tanto martela que termina rompendo o invólucro narrativo da linguagem, expelindo-a da história — sobretudo com H — para um mundo encantado pela fala, onde “nada muda e nada se passa, senão a reiteração da fórmula outrora encontrada, sempre ‘perfeita’, já que o foi uma vez”, observa Emmanuël Souchier (*Raymond Queneau*, Paris, Seuil, 1991; p.151). Esta relação mágica das palavras ao mundo abre, no discurso presente, um sentido profético onde passado e futuro se conjugam, o que é de uma grande eficácia para diminuir a angústia, mas ao mesmo tempo obstrui — é o preço — praticamente todo recurso verbal que associe previsão e vontade. Queneau tinha consciência do risco. A entrada do seu Diário, para 5 janeiro 1940, indica: “Ontem, durante a missa vespéral, eu divagava sobre a repetição: o mundo religioso (e tradicional), que é o mundo da repetição; e o mundo moderno (e dinâmico: Bergson, Hitler), que é o do novo, e tende para o mundo browniano e gratuito. Ainda mais: o mundo do prazer é também o da repetição (e, melhor ainda, o do vício e da neurose)...” Repetição implica

oralidade, e Queneau adorava repetir frases, inteiras e aos pedaços. Um passo à frente, tocamos a transmissão oral da tradição, que impõe formas fixas correspondendo aos “aspectos concreto-cotidianos da memória, aprender *de cor*”; por um desses acasos na evolução das línguas, nós, lusófonos, não temos necessariamente consciência de que decorar é, antes de mais nada, guardar no coração.

Ora, se a repetição, no que ela possui de mais obsessivo e imutável, é a mecânica adequada à religião e à neurose, sua figura retórica permite uma arte da fuga onde cada retorno opera ínfimas variações, malgrado os constrangimentos impostos, como se a fala tentasse extrapolar a imposição dos próprios limites para manifestar, justamente, o que esta busca jugular — e pouco importa se este dever é imaginário, abusivo, ilusório ou não. “Luís das Cigarras”, o poeta do romance *Longe da Ruela* (1944), considera, como seu criador, que saber segurar miço e língua, para evitar lugares comuns, é a dupla fonte de toda poética produtiva.

Os arrependimentos de Queneau, entre uma edição e outra, varrem as palavras chulas e as formulações onde se manifesta claramente o fundo sexual, mas poupam as inúmeras alusões, disseminadas no texto, por onde o não-dito da história pode aspirar à expressão. Assim o “Precioso”, mais uma vez, diz que “não sou da mesma farinha” que os jovens na moda —, o que dá, num registro mais informal, “eu não sou disso”. Na época de Queneau, ainda se imaginava que um invertido — termo de época — andava desmumhecando e de passinho curto, como se levasse um ovo nas coxas, donde o gentil epíteto de *toutonette*, cachorrinha, que, é possível argumentar, soa menos forte — mas é provavelmente mais derrisivo e brutal — que o abrupto “pedê” corrente.

Na minha opinião, o “Desajeitado” ocupa, de todos os pontos de vista, um lugar central; textualmente falando, ele está bem no meio; estilisticamente, não só apresenta, mais uma vez cravado na mosca, o lema “é escrevendo que se vira escrevedor”, mas ainda é construído com uma técnica repetitiva, de chavões, arrependimentos e mal-estar, trabalho insano e desesperante, vertigem de escrever, escrever sempre para nunca sair do lugar, numa alegoria do artesanato escrito; quanto ao tema, vale a pena saber que, no início, a “Apóstrofe” que o antecede — onestaldicamente traduzida — fazia corpo único com esse desenrolar de inferior calão, e sobretudo que o conjunto partia assim: “Ó estilógrafo platinopenado, deixa à minha mão seu pouco repousar, deixa-a tal vez livre, que senestro eu [coçava a bunda — *riscado*] [mexia com a vara — *adição intercalar*] suspende pois meu estro, que direito possa, por afago fôr, ou meneio bem medido, a calma recobrar que justo implora, em seu ocaso, a piróquia testa minha”. Por essas e outras, o próprio Queneau achava seu “Desajeitado” meio lunário.

Souchier vê no exercício “Inesperado” um “símbolo de liberação da fala alienada”, já que o narrador enfim assume que estava lá no saguão da Central, ou algo que o valha, peruando — perdão, trocando figurinhas — com um indivíduo tão fútil quanto ele — perdão, com um companheiro esperto em moda — e o papo rolava fundo de botão. O leitor brasileiro, com a perspicácia que lhe é peculiar, sem dúvida já tinha sacado há muito tempo que todo esse palavrório, meio do gênero “estava lá com uma pessoa”, era bonitinho demais para não esconder sua dose de ordinário. Críticos, tradutores e turiferários de Queneau sempre apontam sua extrema reserva — normando é feito mineiro —, à cuja luz

um botão manifesto só pode ser um espanto. Mas à imagem de suas figuras de estilo, presas produtivas de uma dúvida metódica — francês tem muito disso —, que vão disseminando sentido num longo repetir, Queneau bem sabe que “qualquer texto, mesmo um catálogo do Mappin, pode servir de substrato a uma escrita autobiográfica”.

Verter os *Exercícios* (me) expunha (a) vários pepinos: tornar inteligível um contexto que, em francês, permitia ao não-dito encontrar nas entrelinhas sua expressão; levar em consideração o menor policiamento da linguagem no Brasil — tara ou vantagem —; levar *também* em consideração que, pelos tempos que correm, não se brinca de plataforma sem a consciência da morte no encalço — e em calças, infelizmente: desculpem o mau trocadilho.

Queneau, no único trecho publicado de seu diário, cobrindo 1939 e 1940, escreve que o analista tinha tocado no seu virtual (?) homossexualismo, e acrescenta “mas eu *não acredito!* Homossexualismo é o disfarce por onde fujo”. Na lista dos exercícios não escritos (v. *Anexos*), o “Homossexual” ocupa posição simétrica à do “Inesperado”, mas trata-se, é claro, de pura coincidência. A busca de uma expressão, formal e, senão falada, falável, para seu cadinho de idéias “elevadas”, além de embaralhar os registros lingüísticos convindos, fez outro tanto em sua própria evolução. Mal repostado do bloqueio de passagem à idade adulta, tendo gerado um livro e começado uma psicanálise, é acometido de uma crise de asma que dura seis anos, e no meio desta se abre uma crise espiritual que dura outros tantos. Momentos semelhantes vão se repetir na década dos quarenta: mesmo bloqueio; mesmo refúgio na imagem, real, inefável e indecisa; mesma crise de asma; mesmo elã metafísico. Dizendo assim, parece claro que o padrão de

crescimento possível apresentava esse quê meio artropódico de uma boa neurose; de tempos em tempos, para não sufocar na carapaça, é preciso parti-la ao meio e caranguejar um pouco sem proteção, enquanto uma nova se reforma, mas isto se faz com — e numa — pena que desconhece a palavra: na carne muda, lá no âmago, na urgência de aparar os galhos mortos e na impotência frente à enormidade da tarefa. Se viver já é difícil, viver assim, com tanto desgaste psíquico para contrapartida miúda, é uma desgraça, sem dúvida. Mas não há desanimar. Outros, ainda mais amarrados pela sorte, souberam concluir que navegar é preciso... e, quando possível, deixar um traço, diário de bordo.

Queneau mobiliza seu arsenal retórico exasperando a função repetitiva, o que lhe permite acumular efeitos que ao mesmo tempo reconhecem na fala proverbial a matriz linguística prima e chacoalham-na para romper a casca dura dos lugares comuns que aí frutificam e atingir a polpa onde o verbo vive. Ora, mais ou menos três quartos de toda língua são feitos de sintagmas fixos ou, se preferirem, de um andaime de expressões idiomáticas e construções verbais corriqueiras que entram nos falantes mais pelos poros do que pela razão. Pode parecer meio assustador para quem acredita, como nós todos, é claro, na inelutável marcha do homem rumo à liberdade, pela razão. Em todo caso, basta remexer um pouquinho o edifício para entrever, nas cartas que caem, matéria suficiente para estar no mundo consigo e, ao final do dia, pedir às estrelas que retorne o sonho. Como vocês podem suspeitar depois do que leram, preferi reter o princípio do chacoalho que me ater a um temeroso respeito da letra, cujo resultado seria a mútua esterilização.

Caso tenham encontrado algo de que alimentar nossa fala,
sinto-me feliz.

É o momento de lembrar como o cachorro, vadio em
torno do carvalho — etimologia e duplo emblema de Que-
neau —, late miúdo sua fala de consolo:

*De tous les coups du sort, j'ai su faire une fable
Le moins devient plus: consolante inversion.*

Do fado, fiz fábula;
De pouco, muito—
E meço pelo avesso
O estro que consola.

São Paulo, setembro de 1995.

ANEXOS

*Exercícios de Estilo Possíveis
Exercícios Brasileiros
Bibliografia*

EXERCÍCIOS DE ESTILO POSSÍVEIS

A edição dos *Exercícios de Estilo* ilustrada por Carelman e com tipografia de Massin (v. *Bibliografia*) compreendia este anexo com variações imaginadas por Queneau:

nervoso
angustiado
espera
jovial
calembours
caligrama
dedicatória
idéias macabras
ficha de leitura
carta de recusa do editor
costura (nomes de vestidos)
charada
adivinhação
declaração de amor
caolho
surdo-mudo
cego
bêbado
paranóico
confusão mental
delirium tremens
regras do jogo
carteado

lei
enigma
jogos de espírito
carta de insulta
carta de protesto
anúncio de jornal
propaganda
língua de trapo
fiscal de rendas
crítico literário
crítico teatral
crítico de cinema
colunista social
linguagem crua
linguagem cozida
caos
símbolos
fábula
flores retóricas
eloquência de cátedra
eloquência política
distribuição de prêmios
natação
requisitório de procurador
advogado de defesa
anáforas
epíforas
moralidade
medo
alegria
orgulho
tristeza

gozado
hieróglifos
fenomenológico
detetivesco
palavras cruzadas
aliterações
colagens
lugares comuns
provérbios
advérbios
biológico
econômico
sociológico
químico
geológico
aritmético
algébrico
analítico
topológico
idiota
infantil
sinestésico
abstrato
físico
frente popular
virtudes teológicas
pecados capitais
quirológico
profissões diversas
patológico
cansaço
alternativa

eslavismos
arabismos
antítese
oxímoro
elipses
anacolutos
anominações
anadiplose
epanalepse (*redditio*)
sinéreses
diéreses
crases
disjunções
conjunções
homossexual

EXERCÍCIOS BRASILEIROS

Luiz Rezende

PAPO DE BOTEQUIM

A turma tinha tomado umas e outras quando Tião Medonho deu as caras lá pelo Vermelho e se aboletou com a patota: Macarrão, Dado, Pituca, Zé Vintém, Tita e Capitão.

— E aí, malandro? — Capitão disparou no ato.

— Na maior — Tião respondeu curto e grosso, gogó mais seco que horta de nordestino, e foi logo assobiando pro garçom: — Ô gente boa, desce aí um rabo-de-galo... ômió, um picão — completou.

Zé Vintém aproveitou a pausa pra lascar:

— Mandavê, cara. Kekitá rolando?

— Nadinha, mermão. Só sô... Tô mais liso que pau de galinheiro.

— Tá fazendo um tempo dupiru — Capitão falou e disse.

— Que nada, gonha mó breu. Ainda por cima garoando, um cu — Tita esquentou.

— Taí, chapinha, frio paca... e escuta essa, moçada: vi um lance gozado pra caralho — Tião começou seus leros.

— Tô dizendo que tá quente, porra! — Pituca quis engrossar, mas ninguém deu bola.

— Kekifoi — perguntou Macarrão.

— Nubusum, na hora do rango — Tião soltou.

— Qual busum, cara?

— O éçe.

— Kekitinha? — Pituca foi entrando no papo.

— Foda, meu, deixei passar três antes de consegui poruspé no bruto — Tião chiou.

— Pô, também, ô cara, vai trampá de arrasto em hora de otário, dá nisso. Tem mais é que grammar, amizade — Zé Vintém sacaneou de leve.

— Iaí, kekirrolô? — perguntou Macarrão.

— Tava um puta aperto — Tião choveu no molhado.

— Bom prumas encoxada.

— Qualé, malandro! — Tião não deu moleza. — Mais por fora que umbigo de vedete.

— Deixa barato, mermão — Tita veio pondo pano quente. — Mete bronca.

— Do meu lado ia um panaca esquisito pacas.

— Como assim? — perguntou Macarrão.

— Quiném presunto esquecido no pau-de-arara.

— Sem essa, meu. Vaivê era estilhaço de placenta — Dado lascou.

— E o tapa-miolo então, agora é que tô lembrando: esquisito pacas.

— Como assim? — perguntou Macarrão.

— Molengão, sem fita, com trancinha em volta.

— Coisa de viado, meu — Capitão na sua.

— Além do mais — Tião continuou na maior —, o puto era chegado num bate-boca.

— Como assim? — perguntou Macarrão.

— Se meteu a esculachá o carinha do lado.

— Por quê? — perguntou Macarrão.

— Por causa que o outro tava dando uns bico nele.

— Assim sem mais? — Capitão, só de pensar, foi ficando alterado.

— Issuaí, xará — mandou Tião pra azará.

— Idaí? — perguntou Zé Vintém.

— Idaí? Foi saboletá sem grilo.

— Idaí? — perguntou Macarrão.

— Idaí?! Idaí idaí!!... Porra, esse Macarrão é foda, mais chato que talharim cum picadinho, tá me dando nusbagu — o Medonho, de Picão seco, tava puto pra caralho.

— Peraí, peraí; num precisa engrossá — a tribo foi logo tentando amaciar o bruto, que meteu o berro de volta na cinta.

— Cabô? — perguntaram.

— O mais gozado é que dei com os cornos dele num outro lance.

— Ondikifoi? — perguntou Macarrão, sensimancá.

— Lá pras bandas da estação.

— Kekiêli tava peruando por lá?

— Vai sabê, malandro. Circulava no maior charo cum outra figura absurda, botando papo furado.

— Mas o panaca entrô numas de bacana icomessô a cantá vantagi, mais cumigu é assim, bateu, levou, aí mandei tomá nucu — mandovê Pituca, sem vaselina.

PISANDO NA JACA

É, eu sei que futingar é uma boa, mais leve que mergulhar na malhação, mas mal acordo, já quase duas e, ai que horror!... um homem ali na cama, caído!... aos poucos fui me lembrando que ontem, antes de pisar na jaca, a gente deu o maior esquimbau pra ferveção que tava rolando, também, com um papo-cabeça daqueles!... o corpinho de melancia não ajuda, é verdade, geléia de trambolho é bom pra coroca desdentada lamber, mas o Jil (ou será Júlio?) é erudito paca! E muito gente!... Pra não falar da... ai, menina, que doce!... O Júlio (ou será Jê?) faz tão bem e ainda por cima, no meio, fala uma coisas e loisas, ai, nem te conto, totoda arrepiada!!!... Nada a ver com o estilo pão-com-salaminho, uns petulantes! Ainda ontem, o Minino tinha curso de aiqidô e nem quis me choferar, daí fui de S mesmo, no começo tava fula de raiva com aquele mormaço de povilêu mal-cheiroso, mas na frente do larch limpou a barra, os rocilentos foram lá pro morro deles e subiu um gato que ria, alto e maneiro como eu gosto, fiz as maiores caras e bocas, achando que ia dar arroz, e ele... nada! Nem deu bola, só pra botar areia no meu creme!... Um picolé de xuxu!...

Eu, por mim, tava pouco ligando, logo vi o chapéu fofo, assim desabadinho e com cordão-de-cor pra enfeitar, já tem pelo menos três semanas que ninguém mais usa, é de um xuê!... Até pensei que o mancebo vinha do Méier, Cascadura, vai vêr que por lá ainda...

Mas não é nada disso que eu queria te contar, menina, você fica sempre me tirando do assunto!... Lá pelas tantas,

o picolé resolveu subir nas tamancas e dá-lhe estrilo, ele tinha cismado com um homem, ai!... Menina, eu vi!... De arrebatat até freira, maduraço mas enxutésimo, o queixo quadrado feito o Cary Grant, com aquela mão peluda de fazer cafuné no cangote!... Puro delírio, claro, imagina se aquele pedaço de mau caminho ia colar na banca do talzinho, ainda mais comigo ali só querendo dar sopa!...

O Cary, evidente, nem precisou de tabefe pra meter o esbirrento de rabo na cerca até apagar o fogo, bastou uma olhada e uma frase do pintoso, aquela fala forte e mansa, ai! menina... Só de pensar, sinto o hálito de abacaxi com hortelã entrando até... tá bom, tá bom, sei muito bem que não senti nada, mas também não precisa... que desmancha-prazeres, você, hein!...

A Calu bem que disse, quando eu contei, "Isso é que é bofe, só falta sair quebrando quarto de motel e dando sova de pinto em piranha!"

Ai, menina, quando crescer, quero ser salsicha, só pra ele me... inteirinha!...

BRASILEIRINHO

Era mês de lua grossa e já muita flor estalava de gozo entre o folhame do jardim. Como na véspera tinha bebido xispeteó feito gambá de galinheiro e a erva-de-bugre era muita, larguei o cabo da enxada e resolvi foliar um pouco lá para as bandas do parque Moncéu. Enquanto esperava o S, fiquei olhando o céu que, de lavado e ensaboado, deixava ver todas as pregas na barriga das nuvens. Um sol de rachar! E eu só pensando em azeitar na moringa a goela ressequida.

Afinal o maldito pau-de-arara chegou tartarugando. O magote de bois de presépio por ali parecia rebanho das Geraes, e logo vi que para ganhar meu lugarzinho ao abrigo do sol não adiantava dar tapa com luva de pelica, assim que fui entrando firme de sola, dê no que dê, doa a quem doer... e tome sopapo! Sem dar a mínima à lenga-lenga do trocador, e apesar do poviléu vozeirudo e trapento que ficou na calçada, subi na raça, eu mais um sujeitinho enfezado, brandindo carteira de graúdo, e uma perua cheia de malícias. Uma lotação e tanto! O jeito era ter paciência e cheirar meia hora de sovaco.

As coisas iam cochilando na quentura modorrenta, eu cogitando um roçar, mas naquela plataforma, fora a perua, assanhada demais pro meu terreiro, nada a ciscar. Me pus então a assuntar os arredores, um olho no padre e outro na missa — cara de gente, se não mata, instrui —, e assim foi que reparei num índio de chapéu e casaca empoleirado por ali, com ar de ser da pá-virada e pronto para as maiores vadiações. De repente o botocudo teve tino que o vizinho,

colocando as manguinhas de fora, avantajava seu atrás e virou um galo de rinha, zurrento como alimária com mutuca e língua de jararaca, lascando na barba do outro, “Vai debochar da mãe, bicho excomungado! Sem pejo maior ainda não vi! Em vez de colar na minha banca achando que é quitute, vai montar num porco pra ver o que é bom pra tosse!” O barricote empapuçado respondeu curto e grosso, desconjurando o perdido, “Fale rente de mim pra eu conhecer a marca da sua cachaça! Se nem onça-pintada pôde comigo, não vai ser um peruzinho da sua laia!! T’esconjunto, pó-de-traque!!!”, e o boca-de-ouro soltou uma tal grandeza de nome cabeludo na fervura que não lhe sobrou sarro na língua. Eu, como todos, fiquei em cima do muro, só apreciando a hora do cascudo na cocada; o curto e grosso, aliás, era o caipira da carteirinha de araque e eu, vendo até onde ia seu enfezamento, matutei que, apesar dos desconfortos do perfil, estava ali um ômem com agá, capaz de cometer justiça com as próprias mãos. O maroto viu meio tarde que tinha cutucado o onça com vara curta e que, além das patas charqueadas, riscava entrar na tosquia, tanto assim que perdeu as sapequices e foi logo enfiando a viola no saco. No entrementes de todo aquele despautério, um romeiro apressado tinha largado o assento, e o bugre mudou a toada, atarantado, pra ir meter os serpentões que lhe assobiavam no peito lá em seus negros covis. Foi bem feito: cada macaco em seu galho, e pelo bem de todos dar finalmência ao caso.

Depois, com minha mania de rabo-de-saia, acabei perdendo a hora lá pelos cafundós do barracão de ferro. A tarde ainda era criança, mas precisava voltar na asa do primeiro morcego para não enfarruscar a patroa. Enquanto esperava de novo o S, fui tomar um cafezinho com biscoito de araruta. Malmente tinha embarafustado pelo saguão, cheio

de gabirus afobados, avistei o tal bugre dos transportes. Apesar da carraspana, o tutaméia continuava enfarpelado que nem índio de reserva. Não gosto de contar diz-que-diz, mas o cujo estava zanzando por ali à toa como se fosse a sua roça, só que desta vez em companhia. Espichei o ouvido, tarde demais para saber como o pamonha contava suas mazelas, mas ainda ouvi, com estes ouvidos que a terra há de comer, o cupincha, agourento, dando um conselho de meia-pataca: "Pra fechar direito, põe mais pluma no cocar".

Confiado assim, só amanhã.

TUPINACARA

Ci, a sol, subia no céu e já tacapava a pino. O povim da oca, lá embaixo, parecia carne bucanada no moquém e, pra não ficar odara, catava pium. Do Sipó das onze, coisa rara, nem sinal de fumaça. As cunhãs iam fermentando feito tacacá no tipiti, e de humor pititinga, pior que piá comido de quenquém, jandaiavam piranhosas quebrando tigüera no jacá, enquanto os ubirajaras, catiando picumã, pere-recavam em pé de guerra, contando pau de jacarandá para fazer canoa. Quando o S finalmente chegou, foi peteca na pipoca, e sobrou uma pororoca de piqüiras na tapera.

Os gabirus iam pendurados até o jirau, que nem jabuticaba, e o cheiro puba do caboréu sumia com profusão de jurema perfumosa, enquanto o silente cipó seguia a ínvia trilha dos Timbiras através da caá toda canindé, com muito ipê e enfeite de gravatá nos buritis; enquanto a tiribada comia coquinho de bacuri, guainumbi lascava beijinho no ingá e tinha um guaraçu de panamatingas e panambitangas volejando sem parar. Ia de bebuia lá no S um curumim taludinho mas todo canhambora, de tanga peba e mocassim na piroca, corado de araçá. Era muita ipanemice para pouco cupim, ainda mais que o socó tinha pescoço de maguari, esticado por um tapuia qualquer. Tudo jiboiava em paz como jacaré de papo cheio de jaú, até que o pacóvio, muito juquiri, desandou numa poranduba completamente irara, e choveu zarabatana verbal no enxu, tanta ariranhice só porque um caipora meio pororonga cutucava sua cumbuca e butantava seus pés até ficarem piririca. Guerreiro, gritou:

“Eã! Acabou-se o que era doce! Não tem mais mingau!” O nhambiquara agredido, apesar do jeito pindaíba, era um pajé dos mais piabas e pôs o boboca em seu devido tijuco, respondendo em alto e bom nheengatu: “Güé! Será o periquito? Índio quer pito! Chega de nhenhém! Falei e disse”. Como o resto dos bravos em volta, pensei que fossem troar as bordunas e fiquei na moita, siriri, mas o tamoio, muito baé apesar da caborice, tremia que nem vara de embira por ter caído em arapuca e começou a churumingar. Depois do buá, fechou o tuim, pôs o ubá na tuba e foi sessentar todo jururu numa sibipiruna membeca.

Na mesma aguanxima, quando murucututu já começava a decolar, ia eu voltando para minha carioca cheio de pereba na pirera, mas beiju de ter comido bicho bruto (a culpa foi do jaguaretê, baita tirica só porque pisei na sua cauda enquanto caçava jaburu no massapê). Quando passei pelo Capão Bonito, avistei o mesmo goiaba ouvindo, todo aíva, balela de um carai-bebê lá da sua tribo, tintim por tintim: “Se índio quer tanga na tinga, esquece urucu, amassa açai na urupema, azula o aipim e enfeita com botão de tracajá”. Gabiroba de botocudo com cipoal de idéia no jirimum. Bom tininim não põe guaraporonga no araçá. Muito menos azul.

Pipoca aqui, ali; pipoca além. Desanoitece a manhã... Índio mudou, Brasil também. Na manha, tanacara. Falei e disse.

SAMBA DO CRIOULO DOIDO

Carnaval, esperança, o nego Orfeu pega na viola e desce o morro pra entrá na dança. Saudosa maloca, lá no sopé já vem afoxé nos zóio da rua, bate usapé no fuzuê, tem tãtã mais ganzê, Matita Pererê, chega o S pra ganzá.

Tinha angu de sambeiro lotado de muamba dando canja no ponto, pra não ficá de moqueca a gente fumo entrando de montão, chulipa na chulapa e mucuca no cafofo, sem pagá. Curtume é tudo igual. Fora do bonde, a banda dusbundo faziam o maior caxixi na calçada. Ia por ali um moleque muito zambê, botando panca com penca di balan-gandã e patuá di montão, mais pitomba na cachola e pescoço de berimbau. Sem dar a mínima pro forrobodó, o zambo, muito perequeté, ia maraqueando um xaxado toré em ritmo de marcha, xique-xique, xaque-xaque, xeque-xeque, o pagode era massa, mas de repente zumbiu quizumba no pedaço. O pé do moleque cortou o passo e ele subiu cateretê na zabumba, puxando uma doidura de enredo na matraca, tinha inquizilado que um preto véio e meio bamba aproveitava o batuque pra lambá sua quitanda. Tanta milonga, de maxambomba, mais parecia muxoxo de mezinha: “Ô nêgão boçal, sai da roda e vai fazê cafuné lá nu pixaim das suas nêga na favela!” O caboco sacanudo, atacado que nem gira de umbanda, pôs o cachimbo fulero de lado e respondeu com voz de caxambu: “Num sô da sua raça, quimbandeiro de uma ova! Aqui, capangada! Vemu largá o dendê nesse crioléu da figa!! Lombo de macumbero só amacia com vara de gurumbumba!!!” Só se via a cor fula da munheca pachor-

renta que uotro agitava nervudo, pronto pra ralar farofa. Naquele breque, o irmãozinho sentiu que o samba adoidava no ar e viu a coisa preta. Pra não virar chiclete de muxamingo, comer de onça pintaneira, largou o sururu e escorregô pra dentro feito quiabo, esticá as canela na maior tristura, deixando o matusquela sinhô do forró.

Quando já raiava a quarta-feira de cinzas, vinha eu sem eira nem beira, cantando modinha banzeira na minha viola enluarada quando parangolei, no meio do Terreiro de Zesuminino, o mesmo zumbi no maior baião de dois com outro pamonha do mesmo quilombo, cheio de badulaque e nove horas, que punha arruda no seu jabá: "Preto xiba bota pra zuzá". O teu cabelo não nega, mulato...

Quando vem carnaval, gato que ri vira couro de cuíca. A cambada bate caixa, nem aí pra urucubaca, agogô entra no auê e logo:

DÁ SAMBA

lá vem o S das onze, amor,
eu não posso mais ficá,
sou feito maracanã desplumado,
se não bico longe
fico sem arroz e caraminguá (bis)

vô de estribo sem pagá,
vem do lado um almofada
pé de valsa
e voz de fada
mais bom de farra e pescoção (bis)

num espera não (bis)
nóis cai na dança sem tardá,
vai zabumba no bonde a balançá,
reco-reco no coreto, vem ganzê
não sei de onde e eu relanço o lundu,
mas corta o breque do cara-de-piá (bis)

o vizinha de sissi
diz que o vizinho,
bafo de pinga e caracu,
tá afim dusseuspé pisá
só pra sacaneá (bis)

mais nós tudo sabe a onda
(boquinha de siri)

que ele vem e vai na ronda
bate caixa dá o mi

(refrão)

samba aqui, pega no ganzá,
tá chegando a hora,
o S na avenida vai entrá
e na plataforma

S samba começa a rolá

BIBLIOGRAFIA

A obra de Queneau encontra-se integralmente disponível nas edições Gallimard, em sua *Bibliothèque de la Pléiade* (1990). A mesma editora publica edições de bolso de seus livros, incluindo *Exercícios de Estilo*. Quanto a este, vale lembrar, ainda, a existência de uma bela edição de 1979, em forma de álbum, "com 45 exercícios de estilo paralelos, pintados, desenhados ou esculpidos por Carelman, bem como 99 exercícios tipográficos de Massin; edição revista, corrigida, ampliada com uma lista dos exercícios de estilo não realizados e um estudo sobre a perda de informação e a variação de sentido nos *Exercícios de Estilo* pelo dr. Claude Leroy".

Obras de Raymond Queneau

(Não estão incluídos ensaios, artigos, entrevistas e obras em colaboração com outros autores.)

- Le Chiendent*. Paris: Gallimard, 1933.
- Gueule de Pierre*. Paris: Gallimard, 1934.
- Les Derniers Jours*. Paris: Gallimard, 1936.
- Chêne et chien*. Paris: Denoël, 1937.
- Odile*. Paris: Gallimard, 1937.
- Les Enfants du limon*. Paris: Gallimard, 1938.
- Un Rude Hiver*. Paris: Gallimard, 1939.
- Les Temps mêlés*. Paris: Gallimard, 1941.
- Pierrot mon ami*. Paris: Gallimard, 1942.

Les Ziaux. Paris: Gallimard, 1943.
En passant. Lyon: Barbezat, 1944.
Foutaises. Lyon: Barbezat, 1944.
Loin de Rueil. Paris: Gallimard, 1944.
A la limite de la forêt. Paris: Fontaine, 1947.
Bucoliques. Paris: Gallimard, 1947.
Exercices de style. Paris: Gallimard, 1947.
On est toujours trop bon avec les femmes. Paris: Scorpion, 1947.
Une Trouille vert. Paris: Minuit, 1947.
Le Cheval troyen. Paris: Visot, 1948.
L'Instant fatal. Paris: Gallimard, 1948.
Monuments. Paris: Moustié, 1948.
Petite suite. Paris: Gallimard, 1948.
Saint Glinglin. Paris: Gallimard, 1948.
Texticules. Paris, 1949.
Bâtons, chiffres et lettres. Paris: Gallimard, 1950; ed. rev. 1965.
Le Journal intime de Sally Mara. Paris: Scorpion, 1950.
Petite Cosmogonie portative. Paris: Gallimard, 1950.
Le Dimanche de la vie. Paris: Gallimard, 1952.
Si tu t'imagines. Paris: Gallimard, 1952.
Pour une bibliothèque idéale. Paris: Gallimard, 1956.
Le Chien à la mandoline. Verviers: Temps Mêlés, 1958.
Sonnets. Paris: Hautefeuille, 1958.
Zazie dans le métro. Paris: Gallimard, 1959.
Cent mille milliards de poèmes. Paris: Gallimard, 1961.
Bords. Paris: Hermann, 1963.
Les Fleurs bleues. Paris: Gallimard, 1965.
Une Histoire modèle. Paris: Gallimard, 1966.
Courir les rues. Paris: Gallimard, 1967.
Battre la campagne. Paris: Gallimard, 1968.

Le Vol d'Icare. Paris: Gallimard, 1968.
Fendre les flots. Paris: Gallimard, 1969.
Le Voyage en Grèce. Paris: Gallimard, 1973.
Morale élémentaire. Paris: Gallimard, 1975.
Contes et propos. Paris: Gallimard, 1981.

Sobre Raymond Queneau

Warren F. Motte Jr., *Oulipo. A Primer of Potential Literature*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1986.
 Jean-Yves Pouilloux *commente Les fleurs bleues de Raymond Queneau*. Paris: Gallimard, "foliothèque", 1991.
 Jean Queval, *Raymond Queneau*. Paris: Seghers, "Les poètes d'aujourd'hui", 1960.
 J. Queval, A. Blavier, orgs., *Album Queneau*. Paris: Henri Veyrier Ed., 1984.
 Emmanuël Souchier, *Raymond Queneau*. Paris: Seuil, "Les Contemporains", 1991.

Principais revistas com números especiais dedicados a Raymond Queneau

L'Arc, n. 28, 1966. Reed. Paris: Duponchelle, 1990.
Cahiers de l'Herne, 1976.
Europe, n. 650/51, junho-julho de 1983.
Magazine Littéraire, n. 94, novembro de 1974 e n. 228, março de 1986.

Vale ainda lembrar a existência de dois centros de pesquisa e de uma associação literária consagrados a Queneau:

Les Amis de Valentin Brû
 56, rue Carnot.
 92300 Levallois-Perret. França

Centre de documentation Raymond Queneau

Bibliothèque communale centrale

Place du Marché

48000 Verviers. Belgique

Centre international de documentation de recherche et d'édition

Raymond Queneau

Bibliothèque universitaire

39c, rue Camille Guérin.

87031. Limoges cedex. France